



OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA
MENSAL

Fundada em 1938

 N.º 150 

VOLUME XXXIX

OUTUBRO, 1950



DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR — ÁLVARO PINTO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIP. DA EDITORIAL IMPÉRIO, L.^{DA} — LISBOA



A beleza da reprodução litográfica

depende, em grande parte, da intensidade das variantes conseguidas dentro de cada cor. Essas gravações são obtidas com o emprego de "redes" mais ou menos fechadas aplicadas pelos litógrafos-cromistas com longa prática e grande somatório de conhecimentos como os de

BERTRAND, (IRMÃOS), L.^{DA}

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-32574 - LISBOA

A COVINA

PRODUZ QUASE O DOBRO

DA CHAPA MECÂNICA

DE VIDRO

QUE É CONSUMIDA

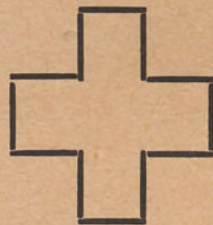
NA METRÓPOLE

E NAS COLÓNIAS

C. P. ANO SANTO

VIAGENS PARA ROMA
a preços reduzidos

—
O CAMINHO DE FERRO
concede redução aos portadores da
CARTA DE PEREGRINO
tanto em viagens INDIVIDUAIS
COMO EM GRUPO



SELOS

da

Cruz Vermelha Portuguesa

Aplice sempre na sua correspondência um selo da Cruz Vermelha Portuguesa, Instituição das mais nobres e beneméritas.

Os selos vendem-se na sede da Cruz Vermelha — Palácio do Conde de Óbidos
Jardim 9 de Abril — Lisboa

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ALVARO PINTO
GERENTE: MARIA AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

SUMÁRIO DO N.º

- «Em Prol da Cultura» — JOÃO DE CASTRO OS grandeza do Poeta Gu IV e V — Pág. 157/1
MARIA DA GRAÇA mento» e «Nivelamento» e 186.
RODRIGUES CAVALH cação de Clio — Da — Pág. 187/190.
DIOGO DE MACEDO Arte portuguesa no e tamento de brados» —
LUIS CHAVES — «N grafia e do Folclo folcloristas brasileiros tra carta, sem alcun dações: Mensagem? Pág. 195/199.
AUGUSTO MORENO - tico» — Pág. 200/203

BIBLIOGRAFIA

JOÃO DE CASTRO O tugueses — XV — António de Sousa, 'I Câmara e 'A Virgem Cravina) — Pág. 204

ASSINA

Portugal — 6 meses
Colónias portug. e Espa
Brasil
Estrangeiro, dollars U.

Com direito aos n

REVISTA DE

Publicados os n.ºs 1 a

ADQUIRA A 2.ª EDI

CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL
(ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI)

Leitura, Comentários e Glossário por
Elza Pareco Machado e José Pedro Machado

1.ª edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros Medievais Portugueses
Volume I, com 408 páginas e 80 de fac-símile — 150\$00; edição especial — 250\$00. Enc. 280\$00 e 400\$00.

Volume II, a concluir, os mesmos preços.

A obra completa deve constar de 40 tomos em 8 volumes
Edição da 'Revista de Portugal' — LISBOA = PORTUGAL

REDACÇÃO E ADMINIS-
TRAÇÃO: R. DE S. FE-
LIX, 41-1.º DT.º—OFI-
CINAS: EDITORIAL IM-
PÉRIO, LDA, R. DO SALI-
TRE, 155, 1.º—LISBOA

OUTUBRO DE 1950

e a Mulher', de Rui Galvão
Sermões e Gil Vicente e a
de Joaquim de Carvalho, e
'Época', por Myron Malkiel-
ág. 209.

«Notas e Comentários» —

'unheiro, por TEIXEIRA
augurado em Freixo de Es-
Pág. 184/A.

nais de JUNQUEIRO per-
quivo do falecido Escritor
ra — Pág. 184/B.

Os Lusíadas' por FRAN-
E — Pág. 200/A.

— Paisagem alentejana —
MES — Pág. 200/B.

CARVALHO — «Antero
ação — Pág. 137/152.

SMA ABRANTES — «O
eníssima Casa de Bragança
Continuação — Pág. 81/96.

ERO AVULSO

.....	17\$50
e Espanha	18\$00
.....	17,5 cr.
rs U. S. A.	\$ 0.90
ados (1/108) —	15\$00

PORTUGUESA

de 10 números — 150\$00

TO

PAGINAS — 30 ESCUDOS



A beleza da re

de
das
cor
em
cha
co
de

BERTRAND

R. DA CONDESSA DO RIO, 7-T

C

ANO

VIAGENS
a preços

O CAMINH
concede reduç
CARTA D
tanto em viag
COMO

ENCADERNE OS V

OVINA

UZ QUASE O DOBRO

CHAPA MECÂNICA

VIDRO

É CONSUMIDA

METRÓPOLE

AS COLÓNIAS



ELOS

da

rmelha Portuguesa

mpre na sua correspon-
selo da Cruz Vermelha
Instituição das mais no-
e beneméritas.

dem-se na sede da Cruz
Palácio do Conde de Óbidos
9 de Abril — Lisboa

COM AS CAPAS ESPECIAIS

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR:
ÁLVARO PINTO
GERENTE: MARIA
AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL
FUNDADA EM 1938
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DE S. FELIX, 41-1.º DT.º — OFFICINAS: EDITORIAL IMPÉRIO, LDA, R. DO SALTRE, 155, 1.º — LISBOA

SUMÁRIO DO N.º 150 / VOLUME XXXIX / OUTUBRO DE 1950

- «Em Prol da Cultura» — X — Pág. 153/156.
JOÃO DE CASTRO OSÓRIO — «A verdadeira grandeza do Poeta Guerra Junqueiro» — III, IV e V — Pág. 157/184.
MARIA DA GRAÇA AZAMBUJA — «Momento» e «Nivelamento» — Poesias — Pág. 185 e 186.
RODRIGUES CAVALHEIRO — «Sob a Invocação de Clío — Da Paisagem portuguesa» — Pág. 187/190.
DIOGO DE MACEDO — «Notas de Arte — Arte portuguesa no estrangeiro — Aproveitamento de brados» — Pág. 191/194.
LUÍS CHAVES — «Nos Domínios da Etnografia e do Folclore — Relações entre folcloristas brasileiros e portugueses — Outra carta, sem alcunha nenhuma — Saudações: Mensagem? talvez! projectos» — Pág. 195/199.
AUGUSTO MORENO — «Consultório linguístico» — Pág. 200/203.
- «Antero de Quental e a Mulher», de Rui Galvão de Carvalho; «Os Sermões e Gil Vicente e a Arte de pregar», de Joaquim de Carvalho, e «Preconceitos da Época», por Myron Malkiel-Jirnounscky — Pág. 209.
ÁLVARO PINTO — «Notas e Comentários» — Pág. 210/212.

ILUSTRAÇÕES

- Busto de Guerra Junqueiro, por TEIXEIRA LOPES, agora inaugurado em Freixo de Espada à Cinta — Pág. 184/A.
Fac-símiles de originais de JUNQUEIRO pertencentes ao Arquivo do falecido Escritor Paulino de Oliveira — Pág. 184/B.
Camões salvando «Os Lusíadas» por FRANCISCO RESENDE — Pág. 200/A.
Cavalos em manuda — Paisagem alentejana — por DORDIO GOMES — Pág. 200/B.

BIBLIOGRAFIA

- JOÃO DE CASTRO OSÓRIO — Livros Portugueses — XV — ('Livro de Bordo', de António de Sousa, 'Ilha', de João de Brito Câmara e 'A Virgem de Fátima', de Santos Cravina) — Pág. 204/209.
- RUI GALVÃO DE CARVALHO — «Antero Vivo» — Continuação — Pág. 137/152.
VENTURA LEDESMA ABRANTES — «O Património da Sereníssima Casa de Bragança em Olivença» — Continuação — Pág. 81/96.

ASSINATURA

Portugal — 6 meses	95\$00;	Ano	180\$00
Colónias portug. e Espanha ...	>		190\$00
Brasil	>		180 cr.
Estrangeiro, dollars U. S.	>		\$ 10.00

Com direito aos números especiais

NÚMERO AVULSO

Portugal	17\$50
Colónias portug. e Espanha	18\$00
Brasil	17,5 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. A.	\$ 0.90

Números atrasados (1/108) — 15\$00

REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1942

Publicados os n.ºs 1 a 87 — cada fascículo 17\$50 — Assinatura de 10 números — 150\$00

DIRECTOR — ÁLVARO PINTO

ADQUIRA A 2.ª EDIÇÃO DO N.º 1 (MAIO DE 1938) — 152 PÁGINAS — 30 ESCUDOS

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreiras regulares para: Cabo Verde, Guiné, África Ocidental e Oriental, Brasil e América do Norte

Frota da Companhia em serviço e em construção

<i>Paquetes:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas	<i>Navios de carga:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas
«Pátria» (n. t.)	19.173	10.943	«Benguela» (n. m.)	12.303	9.347
«Império» (n. t.)	19.173	10.943	«Lugela» (n. t.)	12.250	8.340
«Mouzinho»	14.150	8.200	«Pungue»	8.750	6.356
«Colonial»	14.120	8.136	«Lobito»	5.970	4.278
«Serpa Pinto»	13.020	5.412	«Pebane»	4.105	2.797
«Guiné»	6.130	3.250	«Quionga»	4.105	2.770
			«Lunda»	4.105	2.778
<i>Navios de carga:</i>			«Chaimite»	3.200	2.000
«Luanda» (n. m.)	13.790	9.820	«Nampula»	3.200	2.000
«Ganda» (n. m.)	13.114	9.419	«Búzi»	3.080	2.062
«Amboim» (n. m.)	13.114	9.419	«Sena»	2.458	1.700

Rebocadores: «Monsanto», (n. m.), 850; «Oceânia», 350; Mafra, (n. m.), 310; «Mutela», (n. m.), 210; «Náuticos», 200; «Catembe», 120; «Príncipe», 100. Total 2.040 toneladas de deslocamento. Além dos rebocadores, a Companhia possui o seguinte material auxiliar: 12 lanchas motor, 8 batelões de alto-mar, 247 batelões de tráfego local, com um deslocamento de 15.000 toneladas e com um porte útil total de carga de 10.962 toneladas

Escritórios: LISBOA — R. de S. Julião, 63 — tel. 30131 e 30138 — PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

ACABA DE SAIR

UMA NOVA EDIÇÃO DE

O HISSOPE

*Poema herói-cómico em
8 cantos*

Reprodução de um manuscrito inédito do Século XVIII, com prefácio e anotações do Professor José Pereira Tavares

1 volume de 192 páginas — 25\$00

EDIÇÃO DA 'REVISTA DE PORTUGAL' — LISBOA

GONZAGA E A JUSTIÇA

Confrontação de Baltazar Gracián e Tomás António Gonzaga

Um argumento novo sobre a autoria das '*Cartas Chilenas*'

por

João de Castro Osório

1 volume de 80 páginas — 15\$00

EDIÇÃO DE 'OCIDENTE'

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África
Sede—R. do Comércio, 85—Lisboa ● Sucursal—R. Infante D. Henrique, 73—Porto
Serviço rápido de passageiros e carga para a África e América do Norte

FROTA DA C. N. N.

Navios de passageiros em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento	Navios de carga em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento
Moçambique	9.423	18.220	Sofala	12.145	18.520
Angola	9.550	18.250	Moçamedes	9.120	12.990
Nyassa	9.130	17.442	Rovuma	9.120	12.990
Quanza	6.230	11.550	S. Tomé	9.050	12.550
Índia	7.000	11.400	Nacala	3.370	5.130
Timor	7.000	11.400	Tagus	1.630	2.320
Chinde	1.475	2.700	Angoche	1.240	1.950
Luabo	1.805	3.030	Em construção :		
Zambézia	1.857	3.538	Save		
Lúrio	1.857	3.538			

Agências em todos os portos africanos e nos principais portos do Mundo

DICIONÁRIO COROGRÁFICO

De Portugal Continental e Insular

Arqueológico, Biográfico, Etimológico, Heráldico, Hidrográfico,
Histórico e Orográfico

Por AMÉRICO COSTA

*Esta obra de ilimitada utilidade, coordenada por especialistas e da qual a Livraria
Civilização tomou o encargo de prosseguir na sua publicação, abrange todo o*

CONTINENTE, MADEIRA E AÇORES

Distritos, cidades, concelhos, vilas, freguesias, povoações, aldeias, lugares, herdades, quintas, casais, granjas, praias, portos, faróis, rios, ribeiros, montes, serras, matas, lagoas, termas, cabos, fontes, minas, castelos, praças, fontes minerais, monumentos nacionais, igrejas, capelas, mosteiros, ruas, travessas, becos e largos das principais cidades; serviços telegrafo-postais, ferroviários, hidráulicos, eléctricos, transportes, automóveis, turismo, fastos, epopeias, varões ilustres, lendas, etc., etc.

Consta de 12 volumes, com cerca de 15.000 páginas, centenas de gravuras, mapas e brasões referentes a cada um dos concelhos do Continente, Madeira e Açores.

Custa, completo e encadernado, capa de percalina Esc. 2.800\$00;

capa de percalina com lombada de carneira Esc. 2.920\$00

O Dicionário Corográfico não será reimpresso

Completamos colecções fornecendo mapas, cadernos, fascículos ou volumes em falta

Vendas a pronto pagamento ou por pagamentos suaves

Pedidos de esclarecimentos à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Rua do Almada, 107 — PORTO — PORTUGAL

Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Agentes em Lisboa: COMPANHIA UNIÃO FABRIL (Secção Marítima)
Rua do Comércio, 39 — Telefone 3 0551

FROTA

n/m «África Ocidental»	1.504 Ton.	n/m «Cartaxo»	1.376 Ton.
n/m «Alcobaça»	9.437 »	n/m «Colares»	1.376 »
n/v «Alcoutim»	10.526 »	n/m «Conceição Maria»	2.974 »
n/m «Alfredo da Silva»	5.500 »	n/m «Coruche»	1.376 »
n/m «Alexandre Silva»	2.974 »	n/v «Costeiro»	900 »
n/m «Alemquer»	9.437 »	n/v «Costeiro Segundo»	490 »
n/v «Alferrade»	2.118 »	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426 »
n/v «Almeirim»	9.437 »	n/m «Covilhã»	1.376 »
n/v «Amarante»	12.595 »	n/v «Cunene»	9.800 »
n/m «Ambrizete»	9.100 »	n/v «Foca»	2.018 »
n/m «Ana Mafalda»	5.500 »	n/v «Inhambane»	9.619 »
n/m «Andulo»	9.100 »	n/v «Luso»	10.125 »
n/m «António Carlos»	2.974 »	n/v «Maria Amélia»	3.065 »
n/m «Arraiolos»	9.437 »	n/v «Mello»	6.253 »
n/m «Belas»	7.100 »	n/v «Mirandella»	7.000 »
n/m «Borba»	7.145 »	n/m «São Macário»	1.221 »
n/m «Braga»	7.110 »	n/v «Saudades»	6.430 »
n/m «Bragança»	7.110 »	n/v «Zé Manel»	1.220 »

TOTAL: 186.415 TONELADAS

Rebocadores — «Africa», «Cintra», «Estoril», «Freixo», «São Cristóvão», «Soure»

Lanchas a motor — «Garota», «Bilhão», «Obidos», «Maquela», «Carocha»

34 Batelões (19 de 500 ton., 13 de 400 ton. e 2 de 250 ton.); 24 Fragatas (2.150 ton.); 1 Barca de água (250 ton.) e 1 Draga «Barreiro» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m3 cada

Em construção nos estaleiros da C. U. F.: 2 Navios de 5.500 ton. para 35 passageiros e carga, cada um; 2 Rebocadores de 1.200 ton. cada um

Carreiras de Lisboa para: Norte de Europa — Norte de Africa — Cabo Verde — Guiné — Angola — Argentina — Chile — Estados Unidos — Terra Nova — Groenlândia e Costa de Portugal

Importante — A Companhia que mais navios tem ao seu serviço construídos em Portugal nos estaleiros da Companhia União Fabril no Barreiro e Lisboa

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

NOTAS VICENTINAS

Preliminares duma Edição
Crítica das Obras de Gil Vicente

NOTAS I a V

incluindo a Introdução à
edição facsimilada do
Centro de Estudos Históricos
de Madrid

1 volume de 664 páginas, 22
facsímlis e extensos Índices 150\$00
Edição especial numerada de
1 a 100 180\$00

EDIÇÃO DE 'OCIDENTE'

Novidades literárias

HERBERT PALHANO

A Expressão léxico-gramati-
cal do 'Leal Conselheiro'

2.ª edição

Com prefácio de João Leda
1 volume de 184 páginas e o retrato
de D. Duarte — 20\$00

RUI GALVÃO DE CARVALHO

Antero de Quental e a Mulher

1 vol. de 60 págs. e 4 ilustrações — 15\$00

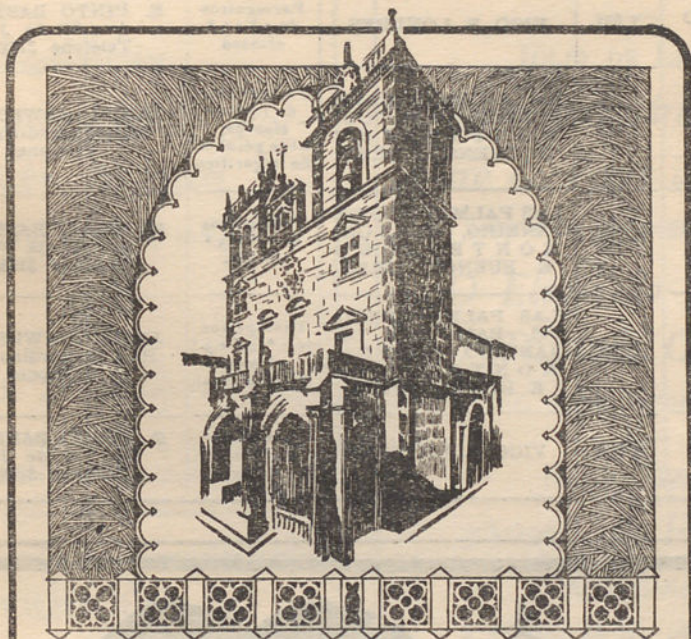
FERNANDA DE CASTRO

SORTE

Romance premiado no concurso
das Casas do Povo

Capa de Inês Guerreiro
1 vol. de 232 págs. — 20\$00

Edições da Revista 'Ocidente'



**DESDE AS GRANDES CATEDRAIS,
ÀS MAIS MODESTAS IGREJAS,
AS PRATAS ARTÍSTICAS
ESTÃO SEMPRE PRESENTES**



Visite as Ourivesarias

MALA REAL INGLESA

(ROYAL MAIL LINES, LIMITED.)

AGENTES EM LISBOA:

JAMES RAWES & C^o LTD. e E. PINTO BASTO & C.^a, Lda.

m/v HIGHLAND BRIGADE	1 OUT.	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1. ^a e 3. ^a classes	E. PINTO BASTO & C. ^a , Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1. ^o Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ANDES	2 OUT	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU E BUENOS AIRES	Passageiros de 1. ^a e 2. ^a classes, carga geral e de frigorífico	JAMES RAWES & C ^o , LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1. ^o Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND MONARCH	11 OUT.	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU E BUENOS AIRES	Passageiros de 1. ^a e 3. ^a classes	E. PINTO BASTO & C. ^a Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1. ^o Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ALCANTARA	17 OUT.	LAS PALMAS, RECIFE, BAÍA, RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU E BUENOS AIRES	Passageiros de 1. ^a , 2. ^a e 3. ^a classes e carga geral	JAMES RAWES & C ^o , LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1. ^o Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND CHIEFTAIN	22 OUT.	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1. ^a e 3. ^a classes	E. PINTO BASTO & C. ^a , Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1. ^o Telefone 31581 (7 linhas)



O PNEU QUE POSSUI
GRANDE PODER DE
ACÇÃO-TRACÇÃO, DE-
VIDO À CONCEPÇÃO
ESPECIAL DA SUA
SUPERFÍCIE DE RO-
DAGEM

SQUEEGEE

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

LIÇÕES DE FILOLOGIA

Seguidas das

Lições Práticas de Por-
tuguês Arcaico

A venda o 2.º Milhar



1 volume de 430 páginas — 80\$00

EDIÇÃO DA 'REVISTA DE
PORTUGAL' — LISBOA

Introdução ao Estudo da FILOLOGIA PORTUGUESA

por

Manuel de Paiva Boléo

PROFESSOR DE FILOLOGIA PORTUGUESA NA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

A venda o 2.º Milhar



1 volume de 160 págs. — 20\$00

EDIÇÃO DA
'REVISTA DE PORTUGAL'

I. XAVIER FERNANDES

Questões de Língua Pátria

1.º volume (2.ª edição) com 232
páginas 25\$00
2.º volume com 256 páginas 25\$00

JÚLIO DE LEMOS

Pequeno Dicionário luso-bra- sileiro de Vozes de Animais

1 volume de 160 páginas — 20\$00

O Elogio do Contista Trindade Coelho

1 vol. de 56 páginas — 15\$00

HARRI MEIER

Ensaios de Filologia Românica

1 volume de 260 pág. — 30\$00
Edição especial — 50\$00

JOAQUIM DE CARVALHO

Os Sermões de Gil Vicente e a Arte de Pregar

1 volume de 88 pág. — 15\$00

AFONSO ÁLVARES

Auto de Santo António

Prefácio, Notas e Glossário do
Prof. Almeida Lucas

1 volume de 80 pág. — 12\$50

EDIÇÕES DE 'OCIDENTE' E DA
'REVISTA DE PORTUGAL'

Livraria Luso-Espanhola, Lda.

Telefone 24917

RUA NOVA DO ALMADA, 88

L I S B O A

Rua do Carmo, 20-A, 1.º

Telefone 24076 — Porto

Rua da Sofia, 78-1.º

Telef. 2799—Coimbra

GRANDES BIOGRAFIAS

Volumes luxuosamente encadernados em tela com gravuras e sobrecapas a cores

ADALBERTO, Príncipe de Baviera — <i>Eugénio Beauharnais</i> , bastardo de Napoleão	75\$00
BELLOC, Hilaire — <i>Maria Antonieta</i>	50\$00
BRINTON, Crane — <i>As Vidas de Talleyrand</i>	40\$00
BUCHAN, John — <i>Augusto</i>	75\$00
CURIE, Eva — <i>A vida heróica de Maria Curie</i>	110\$00
CHESTERTON, Gilbert K. — <i>Autobiografia</i> (2.ª ed.)	60\$00
EINSTEIN, Alfredo — <i>Mozart</i>	80\$00
FÜLOP-MILLER, René — <i>Santos que comoveram o Mundo</i>	75\$00
HOLSAPPLE, Lloyd B. — <i>Constantino, o Grande</i>	70\$00
LOJENDIO, Luís Maria de. — <i>Gonçalo de Córdova — O Grande Capitão — Savonarola</i>	100\$00
LOON, H. W. Van — <i>Rembrandt</i>	65\$00
LLANOS Y TORRIGLIA, F. de — <i>Maria I de Inglaterra — A Sanguinária — Rainha de Espanha</i>	125\$00
MARAÑON, Gregorio — <i>Tibério. — História de um ressentimento</i> (4.ª ed.) — <i>António Perez. — Dois volumes</i>	150\$00
MARCU, Valériu — <i>Maquiavel. — A escola do poder</i>	275\$00
MAURA, Duque de — <i>Vida e reinado de Carlos II. Três volumes</i>	35\$00
— <i>O Príncipe que morreu de amor</i>	225\$00
MAUROIS, André — <i>Memórias</i> (2.ª ed.)	75\$00
MERRIMAN, R. B. — <i>Carlos V. O Imperador e o Império espanhol no Velho e Novo Mundo</i> (4.ª ed.)	45\$00
— <i>Scimão o Magnífico</i>	45\$00
MICHIELI, Augusto Adriano — <i>O Duque dos Abruzzos e seus feitos</i>	90\$00
MUÑOZ DE SAN PEDRO, Miguel — <i>Diogo Garcia de Paredes. Hércules e Sansão de Espanha</i>	125\$00
QUEIROZ VELLOSO, J. M. de — <i>D. Sebastião</i>	75\$00
ROMIEU, Emilie y Georges — <i>A vida das irmãs Brontë</i>	55\$00
SEMENTOWSKI-KURILO, Nicolai — <i>Alexandre I. Eufonia e recolhimento de uma alma</i>	55\$00
SILIO CORTES, César — <i>Isabel a Católica. Fundadora de Espanha</i>	100\$00
TASSONI ESTENSE, Alexandre — <i>Eugénio de Saboia</i>	50\$00
THIEL, Rudolf — <i>Contra a morte e o demónio — Da vida dos grandes médicos</i>	75\$00
WALSH, W. T. — <i>Filipe II</i> (2.ª ed.)	150\$00
— <i>Santa Teresa de Ávila</i>	60\$00
— <i>Personagens da Inquisição</i>	150\$00
WELLS, H. G. — <i>Tentativa de autobiografia</i>	60\$00
XAVIER, Adro — <i>O Duque de Gandia. O nobre Santo do Primeiro Império</i>	65\$00
XIMENES DE SANDOVAL, Filipe — <i>António Alcalá Saliano. O homem que não chegou</i>	190\$00

EM PROL DA CULTURA

X

É consolador verificar o sucessivo preito que nas camadas mais salientes da Nação se está consagrando à Cultura média, ou seja aquela que melhor pode ser assimilada por todas as classes da Grei. Aos intelectuais das altas especulações só interessam a Cultura transcendente ou as perigosas doutrinas que pretendem reduzir o Planeta a uma incaracterística mole de escravos do totalitarismo soviético. Não é, porém, deles que poderão provir o esclarecimento e felicidade dos Povos e, por isso, cremos ser muito mais racional e fecundo aprender com os que olham a vida pelo seu prisma real.

Tem-se dito que nos últimos anos *há coisas novas em Portugal*. E não é necessário arregalar muito os olhos para as ver. Elas revelam-se a cada instante e em qualquer canto do Império. Nesta secção, que tem provocado bastantes e penhorantes incitamentos, queremos apenas frizar a carinhosa e corajosa distinção com que os Poderes do Estado, nalguns sectores, se votaram a prestigiar os méritos irrefragáveis da Cultura média.

Por motivo das loucuras agressivas que em todo este Século XX têm convulsionado ininterruptamente os Povos de todos os Continentes, chegou-se à convicção indiscutível de que só pode haver sólida Unidade Nacional dentro de firmes organizações militares, que sejam ao mesmo tempo uma garantia segura de defesa e um poderoso potencial de energias de toda a espécie.

Noutros tempos, essas organizações eram puramente técnicas, metidas em compartimentos isolados e provocando a cada passo antipatias e repulsas. Estreitamente architectadas, tinham frágil estrutura e transformavam-se com facilidade em juguete dos políticos sem escrúpulos ou dos revolucionários aventureiros.

Hoje e sobretudo depois da última remodelação governativa, a Defesa nacional congloba todas as forças de Terra, Mar e Ar num mesmo harmonioso conjunto que, em definitiva e ponderada análise, representa a essência mais viva e palpitante da Nação. E isto, embora pese aos hiper-críticos da vida política portuguesa, significa uma vitória clara, eloquente, da Cultura média, que tão nobremente tem sido difundida pelas forças armadas dentro de elevado plano de dignificação nacional.

Recentes falas públicas documentam o que vimos dizendo. Com sincero júbilo as desejamos arquivar nestas páginas.

Ao inaugurar-se na encantadora estância do Caramulo o Sanatório para militares, que recebeu o nome do Dr. Oliveira Salazar, disse o Ministro da Defesa Nacional, Tenente-Coronel Santos Costa:

«Porque foi entendido dever ser Salazar o patrono do Sanatório?

O Sr. Presidente do Conselho foi Ministro da Guerra entre os anos de 1936 e 1944. Neste espaço de tempo sofreu o Exército transformações na organização, no armamento e no espírito que perdurarão certamente por muito tempo. Do zero militar a que havíamos chegado, foi possível fazer aquele

corpo de alma forte e coração puro que durante a segunda guerra mundial afirmou que Portugal vivia, altivo e firme, nas sete partidas do Mundo.

Aqui na serra, numa casa ao lado, foram gisadas as grandes soluções de muitos problemas da vida do Exército. Para tantas dificuldades encontradas, aqui se enxergou salvador remédio. Do alto da montanha o horizonte é mais extenso e a visão mais profunda. Porque das alturas é mais fácil fixar os pontos fracos do arcaboço nacional, mais se sente a necessidade de tornar forte e rija a sua armadura.

Ora onde tantas vezes foi sonhada obra grande, não é demais que nela própria se pretenda perpetuar o obreiro. E no caso presente nem sequer a pompa estonteante das grandes glórias se verifica. Obra e obreiro oferecem-se à curiosidade e à memória justiceira deste bom povo, através de um empreendimento de carinho e de tentativa de lenitivo para a dor humana. Talvez consagração e consagrado se possam ao menos aqui compreender na mais completa sincronização de pensamentos e de ideais.»

Depois desta linguagem tão diferente das dissimulações que habitualmente se ostentavam nas solenidades oficiais, afirmou o novo Ministro do Exército, Brigadeiro Abranches Pinto:

«Trago comigo a gratidão de uma grande família, a do Exército Português, para a depor aos pés de V. Ex.^a, Sr. Ministro da Defesa Nacional, e da pequena irmandade que se formou para erguer esta casa de solidariedade humana.

Esses poucos homens não se conluiaram na negrura do segredo para nos lançarem odiosamente uns contra os outros, mas, abençoados pelo sol vivificante das alturas, debruçaram-se solícitos sobre os males dos outros.

Não ensinaram a ameaça dos punhos fechados, antes pelas suas mãos outras mãos se hão-de erguer agradecidas para o céu. Não quiseram incitar as pessoas na concorrência e na disputa, mas despertar a solidariedade nobre dos sãos para com os doentes, dos fortes para com os fracos, da alegria para com o sofrimento.

Não vigorará aqui a seca lei da luta pela vida, mas a prática generosa da luta pela vida dos outros e em vez de tanto ódio que referve, pelo mundo, lá em baixo, os corações doentes dos que por aqui passarem sempre terão algumas pulsações mais fortes ao lembrarem-se dos corações generosos que também bateram por eles.

V. Ex.^a, Sr. Ministro da Defesa Nacional e os vossos companheiros, elevaram sentimentos à altitude destas montanhas com a mesma pureza dos ares salutarés que aqui se respiram. Souberam, além disso, invocar um bom nome para pôr nesse refúgio de esperanças o de alguém que também subiu às montanhas erguidas pela fé para se inspirar nos ares puros do mais elevado nacionalismo, sob a luz refulgente da nossa história e nos curou de grandes males nacionais.»

Na inauguração de um Quartel no Porto, os mesmos dois Ministros confirmaram os conceitos anteriores.

Palavras do Ministro da Defesa Nacional:

«Quer certos letrados presunçosos, e às vezes de duvidosa moral, queiram quer não, o Exército é ainda e há-de ser sempre uma grande escola para a Nação. É nos quartéis que se forma ou se define melhor a consciência portuguesa dos rapazes que anualmente passam pelas fileiras. Aqui atestam e fortificam o corpo, aqui se lhes ampara o espírito e se formam verdadeira-

mente as almas. Uma grande maioria dos soldados leva das fileiras conhecimentos que hão-de definir pela vida fora a sua profissão, o seu trabalho, o seu futuro. No conjunto da vida do País são ainda os militares os grandes educadores da massa válida da Nação.»

Afirmções do Ministro do Exército:

«No vasto campo do ressurgimento onde já se erguem tantas escolas, hospitais, casas económicas, edifícios públicos e barragens, acabamos de abrir as portas de um grande e magnífico quartel.

Tem por alicerces, como todas aquelas obras, a paz interna, a ordem do Governo e da administração, a boa regra nas finanças e levantou-a também o trabalho digno da gente portuguesa.

É o primeiro quartel de um grande plano iniciado há anos e metòdicamente prosseguido e que acabará o ciclo conventual nas instalações do Exército.

Nunca se teve um quartel assim. Aqui os soldados sentirão na grandeza e amplitude das instalações qualquer coisa digna da profissão, e levarão consigo ao deixarem o serviço uma lembrança do grande quartel, alguma exigência de viver melhor, mais larga e sadiamente. O construtor prolonga-se desta forma com o método de educar.»

São ainda dum Ministro, o Comandante Sarmiento Rodrigues, que tanto tem contribuído para o prestígio da Cultura, os excertos seguintes, extraídos do discurso que pronunciou ao abrirem-se em Freixo de Espada à Cinta as comemorações do 1.º Centenário do nascimento de Guerra Junqueiro:

«O Governo da Nação viu com o maior agrado a organização das comemorações e desde a primeira hora o Sr. Presidente do Conselho lhes deu a sua superior aprovação. Era justo não esquecer, era preciso enaltecer, no ano do centenário o Estro fulgurante do poeta da «Pátria», o cândido e luminoso encanto da lírica de «Os Simples». Junqueiro tem na sua obra largos motivos, em volta dos quais não pode haver um português que se não junte e, por isso, o Governo, que representa e defende o bem-estar e união de todos os portugueses, acompanha e apoia as homenagens que hoje se iniciam dentro do programa que a Comissão Executiva estabeleceu.

«Junqueiro não precisava de consagrações. Para além dos nossos comentários, dos nossos louvores e da nossa crítica, estão os seus versos. Tudo o que nós dissermos há-de esquecer e o que ele escreveu há-de ficar. As gerações apreciarão a sua obra pelo que ela é, sob o ângulo estético das épocas e não pelo que dela se disse. Aquilo que passar as fronteiras das idades é porque continha a essência eterna do génio ou da perfeição. Nós, agora, dificilmente o saberemos ver. Parece-nos, no entanto, que nos livros de Junqueiro há motivos de esperança — esperança que o andar do tempo, em vez de esbater, realça. E para nós, portugueses de hoje, é uma grande razão de orgulho nacional saber que na herança de Junqueiro há lugar para todos nos reunirmos em torno dos grandes ideais que o poeta soube magistralmente exaltar.

«Junqueiro é a própria exaltação dos grandes dramas da sua terra. No seu génio vasaram-se todas as expressões da vida torturada do meio em que nasceu e em que viveu na sua infância — o sofrimento da terra escaldada pelo sol, tranzida pela geada, martirizada pela sede, dilacerada pela tormenta: o sofrimento dos homens lutando heròdicamente num clima agreste, na «terra

ingrata»; tudo isto Junqueiro sentiu, absorveu e nos transmitiu sublimado pelo talento.

«Não há poeta português que melhor do que ele tivesse levado à mocidade mais ardentes entusiasmos. Perder o Junqueiro para a Juventude era desbaratar um dos mais raros valores de que ela pode dispor. Por isso, bem haja a comissão executiva e honra ao seu incansável presidente, que dedicadamente preparou uma antologia para oferecer à mocidade, como a mais pura água para temperar o aço do seu patriotismo e do seu carácter. Junqueiro, apesar de ter vivido nos meios trepidantes das cidades, nunca deixou corromper a sua alma simples de serrano.

«Eis por que a evocação que hoje dele fazemos, na terra-mãe donde brotou o seu génio, tem o quadro que lhe pertence. E na jazida em que repousa, no templo das glórias nacionais, a Nação venera, e bem, um dos seus filhos maiores.»

Não se exprimiam assim os Militares doutras eras. Ou só davam vozes de comando, ásperas e inflexíveis, ou pregavam pronunciamentos e revoluções. Há coisas novas em Portugal e uma é a devoção das forças armadas pela Cultura. A profunda organização, a firme e doce disciplina, os actos consecutivos de inteligência e humanitarismo só podem filiar-se em concepções de nítida consciência histórica. E esta não se revela aos espíritos mais solícitos se não os iluminar, repetimos, o clarão magnífico da Cultura.

De Pedro Calmon, o novo Ministro da Educação e Saúde do Brasil, recebemos a carta abaixo, que muito nos penhorou e pedimos licença para divulgar:

«Meu caro Alvaro Pinto — Estou profundamente agradecido à extrema gentileza de suas palavras, que acabo de ler, na «Carta de Lisboa» aqui publicada pelo «Diário de Notícias». Amigo velho, admirador de sempre, unidos, o meu espírito brasileiro, à sua nobre alma lusitana, em todas as justas causas da compreensão entre as culturas de Língua Portuguesa, que afinal se conjugam no sentido humanista ou universal desta Civilização que interpretamos, defendemos e sentimos — e é a Civilização das nossas origens comuns —, recebi com grande alegria o seu fraterno abraço. Vem de Portugal, que tanto amo; e dessa esplêndida oficina de bom trabalho, que é «Occidente», e desse caro Alvaro Pinto, a quem digo, com muita estima: Deus queira possa eu satisfazer à generosa expectativa dos amigos cheios de bondade, que tanto crêem na minha humilde eficiência, sabendo de minha extrema boa vontade! Cordiais lembranças de Pedro Calmon.»

Desde Dezembro até agora a rubrica «O Compositor da Sema-na» da Emissora Nacional conta já com 44 emissões de Compositores estrangeiros e NEM UMA SÓ DE COMPOSITOR PORTUGUÊS. A teimosia é inconcebível. Continuaremos a protestar até que alguém de autoridade ponha cobro a tanto descaso pelos interesses da Música portuguesa e pelos objectivos que devem ser apanágio duma Radiodifusora do Estado português. Continuam as repetições e fora da rubrica ainda se fazem palestras explicativas sobre o *Barbeiro de Sevilha!*

A VERDADEIRA GRANDEZA DO POETA GUERRA JUNQUEIRO

por JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

III

A tragédia interior, dolorosa e alta, que caracteriza todo o Segundo Romantismo Português, viveu-a Guerra Junqueiro com a máxima intensidade.

Assim se explicam, e justificam, algumas das muitas contradições, por ele não reconhecidas mas verdadeiras, que existem na Obra de Junqueiro. Mas de modo nenhum a quase simultânea criação de Poemas, de fundo sentimento religioso e alto pensamento poético, e de outras realizações de mero talento literário e sem profundidade nem altura. Das más sugestões da falsa glória, e das influências que, paradoxalmente, Guerra Junqueiro aceitou da mediocridade e primarismo da ideologia revolucionária da sua Época, veio esta gravíssima transigência, a pior de todas para um grande Poeta, pôr em verso (linguagem sagrada) e com talento (assim desperdiçado) o que não passa de má prosa de comício.

É, no entanto, necessário considerar que, na base desta aceitação das paixões e ideias (podem ainda chamar-se-lhes ideias?) da mediocridade barulhenta, está uma íntima contradição que também caracteriza o Segundo Romantismo Português e explica muito do que ele foi, ou deixou de ser.

No estudo, ainda não feito, do nosso Romantismo e, em especial, daquela sua fase que se iniciou com a Obra, tão alta, de Antero de Quental, terão de ser consideradas mesmo as Obras de Junqueiro que se não elevaram à natureza plena de Poesia. Terão de ser estudadas, precisamente porque exemplificam essa íntima contradição do Romantismo entre o mais profundo e sincero desejo de encontrar uma verdade religiosa e a fácil e inferior aceitação de uma ideologia revolucionária que lhe não foi própria. Apenas a encontrou no ambiente da sua Época, herança do Racionalismo Setecentista, contra o qual reagira, vulgarização do que recusara de início mas, traído, aceitou e conduziu ao exaspero do mais inumano e baixo negativismo.

Na verdadeira Obra de Poeta de Guerra Junqueiro, do Pensador e do Artista, pouco ou nada contam essas realizações e essa íntima contradição. Elas correspondem a um plano de actividade secundário e inferior, sem verdadeira adesão do seu espírito.

Muito diverso é o caso da interior tragédia religiosa do Segundo Romantismo Português, porque essa foi vivida por Guerra

Junqueiro com adesão total e com uma fundura e valor de pensamento, muito pessoal, que fizeram dele, não por todas as suas Obras mas por aquelas em que exprime e nos comunica essa tragédia ou a redimiou, um dos maiores Poetas de todo o Romantismo, um grande, profundo e humano Poeta de sempre.

Dois Poemas, do mais alto significado, mostram essa contradição e um deles, de extraordinária beleza e dramática intensidade, o já referido Poema 'Confissões', fixou também a profunda, humana e religiosa tragédia sofrida por Guerra Junqueiro. Inacabado, talvez, mostra-nos que a vitória nele conseguida e expressa na visão final da Cruz, era precária e sujeita a retrocessos.

Em 1884, o Poeta escrevia, como remate de esperança dolorosa ao longo drama vivido, por mais de um lustro, estas duas estrofes de admirável e pungente beleza.

*«Embarquei nessa nau de epopeia e má sorte,
Argonauta cantando, a alma heróica em flor!...
Dentro ninguém!... Sôzinho, a descrever-lhe o Norte,
À proa um capitão gelado e mudo, — a Morte,
À pópa um timoneiro, olhos de abismo, — a Dor!...»*

*«Senhor! Senhor! Senhor!... que destino me leva?
Aonde irei bater?... Quem é que me conduz?
A Dor fixou em mim, piedosa, o olhar de treva...
E a Morte, como em sonho, ao luar, quando neva,
Apontou no horizonte, extática, uma Cruz!...»*

Mas esta única esperança na dor vivida e que só a Morte revela (como voltará a dizer no Poema 'Os Simples') mostra-se-lhe, em 1888, no Poema «Ideal Negativo» (também recolhido nas 'Poemas Dispersas') o impossível padecer de uma aspiração imensa de tudo o que, ao atingir a consciência, apenas deseja regressar para a suprimir.

Este «Ideal Negativo» é, sem que assim o declare o Poeta, um fragmento do seu longo Poema, apenas em sonho vivido, 'Prometeu Libertado'. Une-se estreitamente à sua concepção. Integra-se naturalmente na ideia genial, mas desgraçadamente irrealizada, que faria de Prometeu a figura símbolo de toda a Humanidade e a expressão dramática do grande movimento espiritual que Junqueiro vivia, com todo o Romantismo Português, buscando a Verdade para além das aparentes verdades da Ciência do seu tempo, mas sem as desconhecer nem renegar.

Expressamente indica a sua figura-símbolo de Prometeu, o Homem.

*«Tu, átomo de pó, que encaras face a face
A eternidade, tu, Prometeu resoluto
Que pesas na tua mão, onde mal cabe um fruto,
Quantos mundos a arder Deus arrojou no espaço,
.....*

«Dize, dize-me tu, ó débil criatura,
Em frente dessa eterna imensidade obscura
Onde, águia, o teu olhar é um carvão apagado,
Que é que desejas, diz, Prometeu fulminado,
Qual a tua ambição, teu ideal incoercível?»

— *É ser ou lodo inerte ou rochedo impassível!*»

Nem o Poeta afirmou, ou sequer viu, porventura, nem a Crítica reconheceu e disse a estreita ligação desta suposta Poesia Lírica, «Ideal Negativo», com o grande Poema perdido. E, no entanto, liga-se muito natural e intimamente aos fragmentos do Canto I do Poema '*Prometeu Libertado*'. É mais deste Poema frustrado, muito mais, do que esse outro fragmento, escrito em 1890, dado como pertencente ao Canto III, esse curto Poema independente, essa abertura musical, esse cântico ao Luar, que mais naturalmente poderia ter sido o início de uma das então ainda não pensadas «Orações», a «Oração à Noite», que não veio a ser realizada.

Prometeu, ou o Homem, tomando conhecimento de uma evolução que atingiu a grandeza da sua consciência dolorosa, entrevê a Tragédia Eterna. O Romantismo vive-a, padece-a mas não sabe sofrê-la nem superá-la. Não quer descobrir a Verdade Eterna para a viver, sofrer e superar heróicamente. Procura o regresso à Paz que ela permitiu às almas simples e que só parcialmente a conheceram.

É possível que este carácter essencial do Romantismo tornasse impossível a perfeita, a verdadeira realização de um Poema de '*Prometeu Libertado*'. Mas, ao contrário, explica por inteiro, e quase podemos dizer que intimamente determinou o grande Poema '*Os Simples*'.

Em nota ao seu mais perfeito Poema, escreveu Guerra Junqueiro:

«Duma visão mais íntima e profunda do Universo germinaram em mim novas emoções, e portanto uma nova arte. O poeta renasceu e cresceu. Fecundo renascimento psicológico, e não apenas uma revoluçãozinha toda literária, meramente verbal e de superfície».

É a inteira verdade isto que afirma o grande Poeta. O que já não é a verdade inteira, e, em parte, devemos considerar, mesmo, falsa miragem, é a explicação da vitória alcançada, sobre a sua dramática e grande crise de pensamento, por uma suposta Filosofia, «uma ideia metódica e definitiva», «corpo de doutrina raciocinado e lógico». Falsa miragem também a sua convicção (momentânea) de que passara a marchar «a passo firme e resolutivo» para a Verdade.

Não foi uma investigação da «história natural» nem uma raciocinada meditação filosófica o que lhe permitiu sofrer a crise religiosa e entrever uma solução para o seu drama. Foi muito mais do que isto, muito mais, todo o complexo, alto e profundo movi-

mento espiritual do Romantismo, o seu pensamento poético e filosófico (mas vivido), o seu trágico sentimento de um *Universo* infinitamente mais vasto do que jamais supusera toda a Filosofia, um Universo em evolução e de inumana aparência.

Só uma sobre-humana afirmação, que não podia ser a do Romantismo, que só pode ser a de um novo e mais alto e religioso Humanismo; é capaz de compreender este Universo na sua eterna tragédia; sofrer, no sentido mais alto desta palavra tão alta, a sua Realidade; e superá-la por um heroísmo que reencontre Deus na grandeza infinita e na tragédia universal que, antes, não haviam sido, sequer entrevistas.

O Romantismo padeceu a dor imensa daquela visão, mais profunda e mais íntima, da Realidade.

Recusou-se, umas vezes, a compreendê-la inteiramente, por demasiado trágica e dolorosa. Procurou, outras vezes, contentar-se com a *verdade científica*, que, na aparência, dele resultava. E, nos Poetas mais altos, (e nos Filósofos que foram igualmente Poetas) foi visão e recusa dessa tragédia e a procura natural de compensações no regresso à Verdade já revelada, a uma Crença, ainda que não justificada intelectualmente, ao que representa a mais espontânea afirmação de qualquer coisa de humano, entrevisto na Fé, sua justificação e, porventura, sua origem.

Foi este exactamente o drama vivido por Guerra Junqueiro, e dele resultou muito mais do que uma doutrina, a criação verdadeira, em pensamento e beleza, de uma verdade vivida, e com ela de um dos mais intensos e dos mais altos Poemas do Romantismo e deste seu drama de reacção espiritual que subiu até à origem do sentimento religioso — o Poema '*Os Simples*'.

Tem este Poema sido muito amado e louvado mas, geralmente, pouco bem compreendido, em toda a sua exemplar beleza e muito grande profundidade espiritual. Louvado e amado no que tem de mais aparente, de *simples*, no sentido comum da palavra. Mas ela pode também ter um significado muito alto, esse mesmo que nos Evangelhos é condição da segurança de alcançarem o Reino do Céu os *simples* de coração e de espírito, os que aceitam a Revelação mesmo quando contrária à Ciência do Mundo e crêem e se afirmam, humanos e confiantes, mesmo se a Razão e a Ciência da sua Época lhes dizem que em nada podem crer.

Muito conscientemente, neste sentido tomou sempre Guerra Junqueiro, como Poeta, a palavra os *simples*. Mas não teve a mesma segurança na compreensão crítica de todo o significado que, natural e justamente, lhe dava em sua Poesia. E esta mesma, por vezes se diminui pelas justificações *racionais* com que tenta explicar-se perante os que poderiam estranhar a exaltação da Crença espontânea das almas simples. Diminui-se quando a inteligência entra a dizer enganosa ou imaginária a atitude *simples*, de pura, incompleta mas já profunda afirmação humana.

Assim acontece no Poema «Aos Simples» que antecede e condena o Livro de Sátiras '*A Velhice do Padre Eterno*'. Nele afir-

mou racionalmente «crença ilusória», «credo absurdo», a «ilusão sagrada», «um erro, uma ilusão» o que, para o seu, muito mais alto, pensamento poético, constitui uma certeza, uma realidade transcendente, a visão do Anjo que, na hora da morte, resgata os corações simples:

*«E ao pender-vos gelada a fronte alabastrina
Irá levar a Deus o vosso coração,
Tão manso e virginal, tão novo e tão perfeito,
Que Deus há-de beijá-lo e aquecê-lo no peito,
Como se acaso fosse uma pomba divina,
Que viesse cair-lhe exânime na mão.»*

Pode esta afirmação do mais alto pensamento poético referir-se a uma ilusão, um erro absurdo, uma crença ilusória? Sob pena de considerarmos inexistente o pensamento poético e traído o pensamento racional por simples fingimentos de Artista, não pode.

O pensamento poético (a mais alta categoria do pensamento) não procede por este modo. O pensamento poético, sincero, profundo e alto, de Guerra Junqueiro necessariamente viu nessa Crença uma verdade vivida, não toda a Verdade, nem aquela a que dava a sua adesão, mas uma verdade a que desejava poder regressar. Contrariada pela sua inteligência complexa do Universo e a sua Ciência da realidade material?

Sim, mas uma verdade que foi vivida e que talvez signifique a própria Verdade Eterna. Assim, pelo menos, o Poeta a deseja, na dolorosa aspiração de a ela regressar e de por ela se elevar à compreensão total do eterno mistério:

*«Formas da matéria, que eu em vão desnudo,
Que invisíveis forças e almas encobris?
Quem o sabe? A Morte, que conhece tudo...
Mas o enigma impresso no seu lábio mudo
Só na treva aos mortos é que a morte o diz!...»*

*«Só a Morte o sabe... mais a Fé que abrasa,
Que penetra as coisas com o seu olhar!
Não há fé na alma, não há luz na casa...
A razão é um verme, mas a crença é asa...
Verme, aos Infinitos poderás chegar!...»*

Há mais alguma coisa do que simples transigência com o público, inferior, que aplaudia as Sátiras da 'Velhice do Padre Eterno', na declaração de Junqueiro, na final Nota a 'Os Simples', de que entre estes dois Poemas não há contradições. Nisto e em tudo o mais que tanto diminuiria o seu Poema, se não mostrasse apenas que a inteligência, a Razão e o espírito crítico de Junqueiro não tiveram nunca a altura do seu pensamento e do seu espírito poéticos; se não nos indicasse que ele não soube definir o que criou e

toda a altura do pensamento a que subiu, inspirado pela Super-Consciência e exaltado por seu íntimo drama espiritual. Há em toda esta insuficiência de espírito crítico e nas suas afirmações erradas, limitativas e *ilusórias*, uma outra manifestação, e não a menos clara nem menos dolorosa, daquela íntima contradição de todo o Romantismo e com ele de todo o pensamento de Guerra Junqueiro.

A inteligência formada no *Racionalismo* e submissa às verdades da Ciência que foram, como são sempre, as *verdades* restritas ao mundo natural, precárias, aliás, e transitórias; a Razão limitada e apoucada por uma Época e os homens que mais julgaram exaltá-la; tudo isto impedia a aceitação das outras verdades a que aspirava o Espírito.

A Ciência do Mundo natural opunha-se à Super-Consciência da Realidade numa contradição, momentânea mas profunda, que vincou uma das maiores crises morais da Humanidade — a do Romantismo. Assim, e por inteiro, a viveu, da mais pessoal e intensa maneira, o Grande Poeta. Sentindo que a Ciência não alcançava aquelas verdades que se descobrem na Consciência e se conquistam na Super-Consciência, ou dela se recebem, por inspiração ou revelação.

Por isto escrevera na '*Musa em Férias*', necessariamente, assim, antes de 1880, depois de exaltada a Ciência como essencial força do Homem:

«Deus! o terrível problema!
Quando a Ciência chega aqui,
Ou emudece ou blasfema
A língua do bisturi.

«E a ideia mortíça e vaga
Expira dentro do crânio,
Como uma luz que se apaga
Nas trevas dum subterrâneo.

«E a Musa vendo-se então
Sôzinha na noite imensa
Entre um naufrágio — a Razão,
E um salva-vidas — a Crença,

«Procura, fugindo à Morte,
O doce olhar de Jesus,
Como o íman procura o norte
E o cego procura a luz.»

Por isto, com muito maior altura e adesão ainda mais profunda à verdade ideal e ao poder da Crença, cantou no Poema «In Pulvis» de '*Os Simples*':

«No Infinito mudo tua ingénua crença,
Trémula cêguinha de risonho alvor,
Ei-la andando, andando, como que suspensa,
Pelos descampados duma noite imensa,
Vastidões de assombros, amplidões de horror!...»

«E onde a águia, o génio de pupila ovante,
Tem vertigens, auras, desfalece e cai,
A cêguinha débil, vagabunda, errante,
De olhos às escuras, Infinito adiante,
Num enlevo áureo perpassando vai!...»

Todo o Livro, o longo Poema, admirável sempre e perfeitamente uno, de 'Os Simples' é a procura ansiosa, trágica também, da verdade contida nesta força das consciências *simples*.

O seu pensamento poético, profundamente religioso, é muito complexo, transcendendo as próprias afirmações críticas do Poeta, subindo mais alto ainda, porventura, do que ele supôs, ou, pelo menos do que se depreende ter sido a sua compreensão da própria Obra criada.

Isto não é caso impossível nos Poetas, grandes que sejam e mesmo de génio, mas incompleto, como foi o de Junqueiro. Só nos Poetas Supremos, como foram Dante Alighiéri ou Luís de Camões, a consciência da Obra criada é igual a esta e o espírito crítico não só colabora na Criação mas é também capaz de a definir perfeitamente.

Não foi este o caso de Guerra Junqueiro. E não é de modo algum nas suas opiniões sobre as próprias Obras que podemos encontrar a definição exacta de todo o valor que elas possuem. Todo o seu justo orgulho da Obra feita, errado muitas vezes porque aceitou o que somente era criação de um enorme talento literário, fica muito aquém da verdade e grandeza não de toda ela, mas dos cimos atingidos por seu génio e onde está presente, e vitorioso, o seu pensamento poético, muito alto e muito pessoal.

Um desses cimos é o Poema 'Os Simples', todo ele, mesmo no que isolado pareceria limitação do pensamento poético a um menos alto, menos belo e profundo, embora muito bem realizado e ainda belo pitoresco; o que, se eles pudessem ser isolados, constituiria o defeito (quanto à grandeza e altura espirituais) do Poema «A Moleirinha» e do início do Poema «Préstito Fúnebre».

É natural que tenham sido precisamente estes Poemas os que mais facilmente conquistaram a adesão do público e dos leitores vulgares.

Mas quanto ao seu mais alto valor, que resulta da sua integração no conjunto da Obra, não se enganou o Poeta. Também, de facto, nessas duas figuras-símbolos da *simplicidade*, tão desejada, o seu pensamento poético incarnou. E já no final do segundo Poema se exalta e enobrece o Poeta na interrogação do mistério e na afirmação do seu desejo de lhe fugir, se o não pode compreender.

«Onde a alma, origem dessas formas belas?
Em tão várias formas que sonhou dizer?
Qual a ideia, ó alma, convertida nelas?
E desfeito o encanto, que nos não revelas,
Que aparências novas tomará teu ser?»

«Noite escura!... enigmas!... Ai, do que eu preciso,
Boeirinha linda, linda de encantar,
É dessa inocência, desse paraíso,
Da alegria de oiro que há no teu sorriso,
Da candura de alva que há no teu olhar!...»

São estes os mais antigos Poemas de 'Os Simples': «A Moieirinha», de 1888, e o «Préstito Fúnebre», de 1889.

O Poema, não datado, que a este se segue imediatamente, o Poema «In Pulvis», deve ser do mesmo ano do outro de igual fundura de pensamento, «As Ermidas». Com ele se liga na mais alta concepção de um profundo pensamento poético, ao reafirmar a realidade sobrenatural do Mundo Humano, ou Sobre-humano, das Almas.

Por todo o longo Poema 'Os Simples' essa realidade é reafirmada. Na vida pura e simples das almas com Fé. No Mundo sobrenatural que só descobrem os olhos do Espírito, mundo que pode ser um exílio para as Almas não amparadas pela ternura de quem por elas reze.

«Dentro d'alma dela, triste campo santo,
Muitas almas vivem mortas a sonhar!...
Vivem mortas, mudas, num dorido encanto...

.....
«Ai dos pobres mortos que não têm fogueiras,
Nem velhinhos santas que lhes dêem luz!

.....
«Desses desgraçados, mortos no abandono,
Onde estão as almas? P'ra que Deus as fez?
Quando o vento uivando lhes perturba o sono
Pela treva errantes, como cães sem dono,
Andarão perdidas a ulular talvez!...»

Todas as estrofes destes dois Poemas seriam de analisar e comentar, uma por uma, no estudo completo do pensamento poético, tão alto, de Guerra Junqueiro.

Neste simples Ensaio sobre a evolução de um grande Poeta, rápida indicação do que de muito grande foi realizado e do que, maior ainda, se frustrou, basta-me apontar o caminho para uma nova compreensão de uma Obra que é das mais altas da Poesia Portuguesa. E explicar por essa fundura de pensamento, posta na compreensão da força espiritual das *almas simples*, a ideia de regresso, o sentimento ansioso e dramático de uma Alma superior, e que por isso mesmo deveria ser mais forte e capaz da compreensão da Ver-

dade, mas que não ousara ainda afirmar a sua própria Crença e se queria *adormecida* na Crença, que diz *ingénua* por ser contrária ao que lhe ensinava a Ciência.

O Poema que serve de *Prelúdio* à sua idealização dos Simples exprime todo este drama de quem partiu para conquistar a Verdade e voltou vencido porque outras verdades, ou erros, o enfeitiçaram e lhe destruíram a força da alma.

Clara e consciente indicação a destas falas, na partida :

«O Peregrino»:

Vou-me a ler Destinos, descobrir os Fados...

A Camponeza:

Ó Senhor tão novo, de olhos encantados,

Feiticeiros negros vam-no enfeitiçar.»

Clara e consciente a visão amarga do «Regresso ao lar», ansiosa esperança de um regresso à força espiritual da Crença, antes exaltada quando a viu inalterável em todas as almas simples, ansiosa esperança e temor de que a Morte o leve e o eternize na dor da sua ansiedade:

«*Canta-me cantigas, manso, muito manso,*

Tristes, muito tristes, como à noite o mar...

Canta-me cantigas para ver se alcanço

Que a minh'alma durma, tenha paz, descanso,

Quando a Morte, em breve, m'a vier buscar!»

Este drama simbólico é o de toda a vida espiritual do Poeta antes de conquistada a força de uma Crença e daqui deriva a sua grandeza que de poucos foi compreendida. E como seria possível compreendê-la, se na exaltação religiosa dos *Simples*, ou antes, e melhor, da sua força espiritual intacta, se não viu o profundo significado, que nem talvez o Poeta inteiramente compreendera, da ideia de um regresso à vida humana que a Ciência lhe parecia mostrar inútil, ilusória, e não menos, antes mais dolorosa, por isso?

Que essa vida humana seja ao menos a «Canção Perdida», voz frágil mas humana, a expirar, triste, no mistério da Natureza. Esperança que se afirma o confiar dos que padecem e lutam, dos «Pobrezinhos», ou dos mortos no «Campo Santo». Certeza que está para além da «ilusão do Mundo» na angelização das almas puras de pastores de rebanhos de ovelhas, na Terra, que se transformam em pastores de «rebanhos de almas».

«*Na região do Imenso, no Infinito puro,*

Onde me deslumbra, como um sol, Jesus,»

Certeza que é a de um Panpsiquismo a tender, continuada e ansiosamente, para Jesus Cristo.

Esperança de afirmação de tudo o que se elevou à vida verdadeira, de alma, no sonho, e no sofrimento amparado pela Virgem

da Amargura, símbolo da sobreumana ou já Divina Dor Redentora:

*«Lá vai ela andando... no caminho estreito
Deixa um rasto d'oiro pela escuridão...
Deixa um rasto d'oiro de divino efeito,
Porque as sete espadas, a fulgir no peito,
Põem-lhe um setestrela sobre o coração...»*

*E de povo em povo, que é de serra em serra,
Almas na agonia visitando vai;
Quando chega a Morte já as não aterra,
Ela lhes dá asas p'ra voar da terra,
Seu menino beijos p'ra levar ao Pai...»*

Trágica esperança da própria e grande e complexa alma do Poeta e de todo o Movimento Espiritual, tão alto, do Romantismo de que ele é um dos maiores representantes. Trágica esperança, de que deveria naturalmente resultar no futuro uma afirmação religiosa. Ainda incerta se mostra ela nesta fase. Dolorosamente recusada ou impossível perante a visão, admirável também, mas não ainda compreendida em sua realidade, não somente a natural mas a sobrenatural (já entrevista) da evolução dos Universos e a tragédia, mais alta e não menos real, e também eterna, das almas.

*«Mas a alma, as almas, quem as há criado?
Qual a origem d'onde a sua essência emana?...
Ah, em vão levanto o triste olhar magoado
Para os olhos d'oiro que do azul sagrado
Lançam as estrelas à miséria humana!...»*

*«Oh, em vão!... que os astros, onde em sonho habito,
São também fogueiras sobrenaturais,*

.....

*«Para em torno delas se aquecerem mundos
A tremer com frio, a soluçar com dor,
Miseráveis monstros cegos, vagabundos,
Através de eternos turbilhões profundos,
Num vertiginoso, angustioso horror!»*

A toda esta angústia, que era a da sua concepção do Universo e da Realidade, opunha neste momento o grande Poeta a sublimação dos *simples* que, desconhecendo-a, podiam ainda crer na realidade mais profunda, na Verdade Eterna das Almas e de Deus.

E muito poucos Poemas, em todo o Mundo, terão dito com mais dramática e perfeita beleza este último recurso das Almas que não queriam deixar-se vencer nem pela verdade, se o era, e procuravam afirmar-se, ao menos, pela grandeza humana de sonhar.

Poucos Poemas terão cantado tão profunda e perfeitamente a saudade e a esperança da paz da Crença Religiosa.

IV

O grande Poema '*Os Simples*' foi, todo inteiro, realizado entre o ano de 1888 e o final de 1891. Mas não se encontra isolado no conjunto da Obra de Guerra Junqueiro.

Para a realização deste Poema convergiram as mais puras forças do pensamento do grande Poeta; todas as aspirações e sentimentos por ele verdadeira e altamente vividos; os íntimos choques de ideais que deram carácter agonístico a toda a sua Poesia; os profundos motivos do seu drama espiritual.

Exigiam-no o desespero e a final afirmação negativista do seu ideal titânico, expressos no Poema «Ideal Negativo», e corroborados pela própria concepção do Poema de '*Prometeu Libertado*' e de que este, realizado, poderia ter sido a simbolização, da mais alta beleza. Vencido o titã Prometeu, por sua própria obra, e ansiando o abandono da eterna e ascendente aspiração que nele se tornou consciente e fez criadora, logo o ideal Cristão naturalmente se engrandeceu e revelou como finalidade, única redentora. O Poeta a viu, apontada pela Morte, no símbolo da Cruz, (no Poema «Confissões») como redenção do seu trágico e doloroso destino pessoal e a idealizou na libertação de Prometeu por Jesus Cristo.

Frustrado o Poema desta redenção, frustrada, portanto, ela própria na realidade íntima do espírito do grande Poeta, regressou este, da sua longa e dramática aventura interior, ao ideal de pura simplicidade religiosa. Já muito antes o compreendera e cantara na Poesia «Aos Simples» e de novo, e com não menos beleza, numa outra, de mais directo Lirismo, «In Pace-Finis», que é de 1889, quer dizer, do próprio momento da elaboração do grande Poema '*Os Simples*'.

Talvez a «Elegia» (sem data nas '*Poesias Dispersas*', onde também foi recolhida) possa igualmente considerar-se para a melhor definição do muito doloroso sentimento de frustração da vida inteira, de que surgiu, redimindo-o, aquele grande Poema. Mas algumas outras das '*Poesias Dispersas*' revelam ainda mais, não só a origem mas também o próprio pensamento poético de '*Os Simples*', em mais de um dos seus múltiplos aspectos. «A Lágrima», por exemplo, simboliza a preferência do Poeta pelas coisas mais humildes, pela dor abandonada, e mais comovedora do que todas as grandezas do Mundo.

Assim compreendido, este poemeto épico, de bela realização, ganha um novo e mais profundo significado. Foi, aliás, ele um dos mais imediatos motivos, este muito justo, da glória de Guerra Junqueiro. Escrito em Março de 1888, foi publicado, isoladamente, em sucessivas edições. Talvez por isto se não tenha visto a sua íntima ligação com o pensamento poético, aspiração moral e sentimento predominante do grande Poema '*Os Simples*'.

Ele não se integra na unidade natural desse Livro, mas é uma criação paralela e do mesmo espírito. É, talvez melhor, a abertura de uma outra Obra que, se a realização do Poeta Guerra Jun-

queiro tivesse podido ser integral, deveria ter vindo emparelhar com 'Os Simples'.

É mesmo possível que essa Obra tenha sido concebida e iniciada antes de 'Os Simples' pois, além da sua natural abertura, por este Poema «A Lágrima», possuímos o Poema inacabado, também de 1888, que se intitula «Romaria».

Foi a visão trágica e escura da vida rural, nesse momento reforço, para o Poeta, da sua aspiração de um regresso, que, recusada, determinou o abandono da realização do Poema «Romaria»?

Não deve ter sido este o motivo, nem o da concepção do Poema 'Os Simples' em sua perfeita unidade. Porque, sem a destruir, há nele duas Poesias que ainda mais naturalmente se integrariam nesse outro conjunto de Poemas da visão trágica e dolorosa da vida rural, do sofrimento dos Homens sobre a Terra que têm de trabalhar e fecundar com o suor do rosto, e do padecer de misérias e fome dos vencidos nessa labuta. Uma delas, «Os Pobrezinhos», naturalmente se liga à concepção do Poema inacabado «Romaria» mas lhe acrescenta a revolta do justo perante a injustiça da Miséria:

*«Filhos de Cristo, filhos de Adão,
Buscam no mundo côdeas de pão.»*

A mesma nobre revolta, e mais dolorosa por todo o sentimento de um invencível destino de sacrifício, faz a grandeza da outra Poesia, intitulada «O Cavador».

Verdadeiramente só por seu final de resignação e de esperança da Paz Eterna pôde manter-se a Poesia «O Cavador» no conjunto do grande Poema 'Os Simples', sem lhe destruir a unidade. A visão de miséria, sacrifício e dor, engrandece e exalta a esperança dessa resignação humana:

*«Bateu a Fome ao seu postigo...
Bateu a Morte ao seu postigo...
— Oh, dor! oh, dor! —
— Que a paz de Deus seja comigo!...
Que a paz de Deus seja comigo!... —
Disse, expirando, o cavador!»*

Por toda a visão do implacável destino de luta com a Terra e a Miséria, da constante e cruciante dor (visão parcial e exasperada mas de justo sentimento), a Poesia «O Cavador» pertence ao conjunto de Poemas que muito erradamente Guerra Junqueiro dispersou e a que, talvez somente por isso, não chegou a dar uma unidade.

Pertencem-lhe, de certeza, os primeiros Poemas que incluiu no Panfleto em verso '*Finis Patriae*' e que lhe emprestam um valor humano e uma grandeza que ele, em seu conjunto, não sustenta.

Visões da humana tragédia (que não é particular de um País nem de um só momento histórico) e verdadeiros Poemas são as falas das *Choupanas de Camponeses* e dos *Casebres de Pescadores*.

Poemas ainda, e belos, mas já contaminados por um intuito alheio à Poesia, de menor grandeza porque exigindo apenas soluções racionais e práticas, são as falas das *Possilgas dos Operários* e dos *Hospitais* e das *Cadeias*.

O que pode ser resolvido por uma transformação social (e não o será pela revolta mas pela Ordem estável e justa) não pode constituir um profundo motivo de Poesia mas sim, o que é muito e o não rebaixa, motivo para Obras de Crítica Social, estudos em que predomine a Razão, o bom-senso, o realismo político servindo as mais altas aspirações morais. Motivo de reformas a fixar na *Lei* que só por incompreensão do seu valor humano e da sua força moral, ou por abandono ao verbalismo, de efeito perante as mais baixas paixões, se pode alcunhar de «prostituta», como fez Junqueiro.

Barbaridades morais e mentais semelhantes a esta são o que constitui o substratum do panfleto '*Finis Patriae*'. Todo o enorme poder verbal, toda a força expressiva de um extraordinário talento literário não puderam elevar estas barbaridades postas em verso à categoria de Poemas.

Nem é possível admitir-se que elas constituam a atitude consciente e pessoal de um verdadeiro Poeta, tão verdadeiro e sincero Poeta como foi Junqueiro.

Foram transigências com a mais inferior e baixa *ideologia revolucionária* que, para se impôr, necessariamente havia de começar por obscurecer a inteligência, impedir a lucidez do espírito crítico, transviar o sentimento em paixões a que nenhum homem de bem (e Junqueiro foi-o, integralmente, por toda a sua vida e com toda a sua alma) pode realmente aderir.

Não vale a pena sequer analisá-las. O que é filho das paixões do momento com elas tem necessariamente de morrer. E nem todo o talento literário de Junqueiro foi capaz de transformar em grandeza humana essas «horas de luta», ou «horas de combate», se é que merecem estes nomes e não o de *horas de delírio*. Luta e combate, palavras sagradas, não podem ser empregues para definir estes casos de convulsa, irreflectida, estéril agitação colectiva.

Uma verdadeira História do Portugal Contemporâneo terá de mostrar o seu significado e explicar as injustiças e crimes que inconscientemente provocaram, os erros e prejuízos a que deram ocasião, alguns deles irreparáveis, outros apenas reparados por aquele Rei que elas diziam traidor e apontaram à loucura homicida como vítima expiatória do mais terrível delírio colectivo da nossa história. Um delírio que turvou os mais lúcidos espíritos e os mais puros corações.

O motivo sentimental de uma agitação patriótica (coisa muito diversa da serena e firme consciência nacionalista) provocada por um dos choques da nossa justa e grande expansão colonial na África; o que se designa, habitualmente, e sem verdadeira análise e compreensão, por *Ultimatum Inglês*; foi desde logo transviado pela ideologia revolucionária e aproveitado por todos os *agitadores*, mesmo por esses para quem a sagrada palavra Pátria é uma vã palavra

e a obra de expansão da Fé e do Império (o nosso imenso e sacro destino histórico) um erro ou um crime.

Só o digo neste Ensaio, e sem a completa análise que tudo isto merece, para que se compreendam melhor os erros que não eram nem do grande Poeta nem do perfeito homem de bem Guerra Junqueiro mas que ele, por momentos, vencido pela histeria colectiva, aceitou pôr em verso.

Justo e natural foi o ter vivido essa paixão patriótica e exprimi-la, mesmo com o exagero de considerar agonizante uma Pátria Eterna, e que precisamente iniciava uma nova fase da sua gloriosa expansão imperial (e a realizou); exprimi-la e cantá-la com a nobreza do curto Poema *À Mocidade das Escolas*. Grande e aceitável ainda que essa paixão patriótica tenha forçado um coração bondoso e humaníssimo, revoltado pela injustiça e exaltado pela dor, a escrever essa Poesia verdadeira que é a «Marcha do Ódio».

Mas a aplicação desta revolta do sentimento patriótico, e afinal, e muito justamente, *imperialista*, às realidades, históricas sociais e políticas, requiere uma firme lucidez, um espírito realista, uma inteligência clara das possibilidades e a corajosa compreensão da verdade.

Abandonar ou sequer diminuir estas absolutas exigências de equilíbrio e realismo (que não renega o ideal mas deve saber como servi-lo) tem como natural resultado panfletos sem justiça nem verdade, sem ideias nem soluções. Panfletos, em verso ou em prosa, que não podemos considerar Obra verdadeira e sincera de um grande Poeta e de um Pensador, mas sintomas de um delírio colectivo, a que ele não soube resistir, e transigências com a falsa glória que lhe concediam todos os primários que dessa esplendorosa maneira literária viam expressas as suas vagas ideias e vis paixões.

Na verdadeira Obra do grande Poeta e do Pensador e Homem de exemplar nobreza que foi Guerra Junqueiro, é inútil analisar esses abundantes Panfletos, Sátiras e virulências, em prosa ou em verso.

Tudo isso morreu. Mas ainda hoje abafa, peso morto das obras inferiores e da falsa glória, a Obra verdadeira, a luz do espírito e a grandeza moral, tudo o que deve ser, porque muito a merece, a verdadeira e alta glória de Guerra Junqueiro.

Mas ainda o pior não é a natural consequência de recusa que esses Panfletos provocam em qualquer inteligência um pouco acima do primarismo inculto e em qualquer coração bem formado. Nem a aparência de grandeza que dão a todas as inferioridades plebeistas, e de negativismo religioso, social ou político. O pior de tudo é que essa traição dos Homens superiores, baixando a adular as turbas (que nem dela precisavam e os esquecem) se reflecte imediatamente no seu próprio espírito desviando-o da criação das Obras verdadeiras; recusando-se ao que ela exigia de mais alto e profundo; frustrando a Humanidade e a Nação de Obras eternas de beleza.

E foi desta muito desgraçada consequência que sofreu Guerra Junqueiro.

Um primeiro desvio impedira a realização, na hora própria, do grande Poema de '*Prometeu Libertado*'.

Mais grave desvio (com raízes no anterior êxito e sua falsa glória) em momento de intensa plenitude criadora e de apogeu mental, desvio por isto ainda mais lamentável, teve por nefasta consequência, desde logo, impedir a realização da Obra que deveria emparelhar com '*Os Simples*' e constituir a expressão perfeita e superior da sua visão dolorosa da vida humana.

Só em parte é possível reconstruir essa Obra com as Poesias «A Lágrima» e «Romaria», as que foram integradas no Poema '*Os Simples*' («Os Pobrezinhos» e o «Cavador») e as outras que emprestam grandeza poética (só por elas alcançada) ao Livro '*Finis Patriae*', de título que só a um panfletário se desculpa.

Em *Nota* que escreveu para a edição (de 1920) das '*Poesias Dispersas*', dizia Guerra Junqueiro:

«Infelizmente deixei esta poesia incompleta. A segunda parte era um hino religioso ao amor e à dor e à sua filha mais bela, a caridade. Só amando e penando chegaremos a Deus. A beatitude é um raio de luz celeste coado por uma lágrima».

Refere-se esta *Nota* ao Poema, inacabado, «Romaria». Mas pode aplicar-se à Obra perdida, a toda a *Poesia* da visão dolorosa da vida e exaltação religiosa do humano padecer, o *Poema* que ficou apenas em fragmentos, parte deles, ainda para mais, escondidos, pela sua forçada integração em edifício de muito menos grandeza.

Infelizmente, para o Poeta e para todos nós, essa *Poesia* ficou por completar. Viveu-a, no entanto, com absoluta adesão do seu espírito e com a força de pensamento necessária para que, da sua conjugação com a outra *poesia* de '*Os Simples*', tivesse resultado a mais alta das concepções poéticas de Guerra Junqueiro, a do Poema, também não realizado, '*O Caminho do Céu*'.

Não é fácil dizer com segurança em que ano exacto foi concebido, em toda a perfeição do seu grande símbolo humano e religioso, o Poema '*O Caminho do Céu*'. Da fase da realização de '*Os Simples*', e do outro Poema que viria completá-lo, não é.

Em *Nota* à primeira edição de '*Os Simples*', e com a data de 14 de Maio de 1892, o Poeta anunciava dois outros Livros com os títulos de '*Flores de Ideal*' e de '*Infinito (Livro de Orações)*'. Só por muito desejo e entusiasmo enganador pode ter escrito o Poeta que eles viriam «a lume, sucessivamente, com intervalos de meses». O primeiro talvez ainda pudesse, embora incompleto, ser publicado, pois mais não deveria ser que as '*Poesias Líricas*', já anunciadas em 1890 no '*Finis Patriae*', e continuadas a anunciar, também com o título de '*Flores do Ideal*', em 1896, na '*Pátria*', e que constituem a maior parte das '*Poesias Dispersas*'.

Difícilmente explicável é, por isto, ou só explicável por uma nefasta transigência com o que do Poeta esperava o público inferior que lhe dera a falsa glória de *Poeta Revolucionário*, a sucessiva

postergação que sofreu este Livro, em grande parte já feito em 1892 e contendo todas as Poesias de amor, de um nobilíssimo e puro amor, do Poeta Guerra Junqueiro, e alguns dos Poemas de maior altura da sua crise religiosa, as suas admiráveis *Confissões*. Também este mal, o protelamento da sua verdadeira glória, terá devido o Poeta à falsa glória que aceitou.

O '*Infinito*' ou simplesmente '*Livro de Orações*', como era anunciado em 1896, na '*Pátria*', devia estar apenas em elaboração em 1892 e só foi começado (e logo, infelizmente, abandonado) em 1893, com a '*Oração ao Pão*'. Tem esta data indicada na publicação feita em 1902. E nem dela carecia para se reconhecer quanto a '*Oração ao Pão*' natural e imediatamente se liga com o Poema '*Os Simples*' e em particular com a poesia «Eiras ao Luar».

Já nela se cantava o Pão para todas as fomes, do corpo e do Espírito:

*«Entre as palhas do centeio,
Quantas esmolas no meio,
Que deixam lírios no seio
E as mãos escorrendo luz...
Oh, bailai em volta do celeiro cheio!
Oh, bailai à volta dos mendigos nus!»*

*«Quanta hóstia consagrada,
— Pão da última jornada! —
Dorme na meda encantada
Ao luar tão leve e tão lindo!...
Oh, bailai em volta d'essa mó doirada,
Que bailais à volta de Jesus dormindo!...»*

Na «*Oração*» com que, em muito íntima sequência de '*Os Simples*', se iniciava um outro Poema de exemplar altura e perfeita e humana beleza, prossegue o Poeta cantando o:

*«Trigo! Corpo de Deus, — Pureza e Dor —
Nossa vítima e nosso Redentor.»*

Mas logo se elevava, mais ainda, por influência da sua já então mais segura concepção dolorista da vida e da nova e firme ideia religiosa do seu alto pensamento poético, equiparando, simbolicamente, as almas a grãos de trigo de que a Dor fará o pão eterno:

*«A humanidade é seara imensa em chão de areia,
Que Deus recolhe e Deus semeia.*

*E cada homem, quer o rei, quer o mendigo,
É na seara de Deus um grão de trigo.*

*E a toda a hora, a todo o instante, há milhões de anos,
Searas sem fim de espíritos humanos*

*Brotam, florescem, crescem, são cortadas
E entre as mós do destino trituradas.*

*E eis a farinha ideal, o fromento de dor
Que alimenta a Verdade, a Beleza, o Amor!»*

Mostra-nos esta elevação do pensamento religioso de Guerra Junqueiro o seu Dolorismo já evidente em '*Os Simples*' e em muitas Poesias Líricas e fragmentos dispersos de um outro longo Poema, a que poderemos talvez chamar «Romaria» em obediência ao título da composição (inacabada) que era o seu início. Mostra-nos também a '*Oração ao Pão*' que no espírito do grande Poeta se conjugaram nesse momento (o ano de 1893) visões de que naturalmente surgiria a concepção grandiosa do Poema '*O Caminho do Céu*'.

Informa João Grave no *Prefácio* ou *Nota Preambular* ao livro '*O Caminho do Céu*' (apenas o plano desenvolvido e fragmentos do grande Poema frustrado) que a sua «dramatização, tinha-a o Poeta urdida desde 1895, sem lhe faltar um único detalhe». E testemunha a confissão do Poeta de que «deixara de realizar o seu Poema '*O Caminho do Céu*' de que apenas rimara alguns fragmentos e que seria o complemento dos '*Simples*'.»

Em que ano foi feita a dolorosa confissão do Génio que se vê frustrado na sua glória verdadeira, a de realizar a Obra para que tudo nele tendia, de há muito?

Tardia foi, decerto, mas repetindo a angústia de muito ano.

É de aceitar que tudo o que nos ficou do Poema '*O Caminho do Céu*' — o seu plano desenvolvido, alguns fragmentos em verso e em prosa, todos eles de alta e profunda Poesia — seja exactamente daquele indicado ano de 1895 ou mesmo um pouco anterior.

Dizer que esse poema seria o complemento de '*Os Simples*' é uma verdade mas não toda a verdade nem a mais profunda. '*O Caminho do Céu*' deveria ter sido o Poema Religioso, agora na forma de Poema Dramático, admiravelmente escolhida, que completaria não só '*Os Simples*' mas também o outro Livro paralelo, quer dizer, toda a fase de esplendor genial de Guerra Junqueiro, iniciada ao redor do ano de 1888.

Após a admirável realização de '*Os Simples*' e, por esse regresso à paz de força espiritual e Crença dos simples de alma, humildes no Mundo e grandes no *Além*, não adormecida a sua angústia da universal dor, o grande Poeta ansiosamente lhe procura o significado transcendente. E achou-a na meditação do que deveria ser o seu grande Poema Dramático '*O Caminho do Céu*'.

Revela-se claramente essa grandeza possível, e desgraçadamente frustrada, no plano e nos fragmentos de Poesia, publicados com o título do Poema em 1925, após a morte de Guerra Junqueiro e em obediência à sua vontade final: «O Caminho do Céu será publicado logo depois da minha morte».

O plano desenvolvido é apenas o da *primeira parte* do Poema,

mas, afinal, tudo o que constituiria o Caminho do Céu. A segunda parte, «No Reino do Céu», está apenas indicada numa só página, aliás do maior interesse na definição da Crença religiosa a que chegara o Poeta.

Esta *segunda parte*, apenas sonhada, revela, ainda mais claramente do que a primeira, a sugestão dantesca. Na primeira parte, que só por si constituiria, na verdade, um extenso Poema, essa longínqua sugestão da «Divina Comédia», revela-se na concepção da luta do Homem (O Peregrino) com os seus Monstros.

Mas o episódio inicial do «Inferno» e de toda a Obra Suprema do máximo Poeta da Crisandade Triunfante e da Civilização Religiosa, Católica Romana, Dante Alighiéri, aparece-nos alargado por Guerra Junqueiro, de modo a constituir a concepção integral de um Poema Dramático da luta no Mundo — o Caminho do Céu.

O plano, e, ainda mais, o que se adivinha através dele, mostram-nos o que poderia ter sido o Poema Dramático mais alto de todo o Romantismo, pois o permitia a concepção, genial, do Poema em seu conjunto.

Após essa concepção de um Poema que seria, quando feito (e Junqueiro tinha a grandeza e a força necessárias para o fazer), a cúpula de todo o Romantismo e uma Obra Eterna, ainda o Poeta viveu três décadas. E o Poema não foi feito!

Entregando-se à mais estéril das agitações políticas, obediente à falsa glória ou sem coragem para repelir as suas seduções, um Poeta de génio traíu o seu destino de suprema e verdadeira glória.

Não podemos supor, sequer, o que poderia ser a altura desse Poema. Quando se trata de um verdadeiro poder genial sempre a Obra realizada vai muito além, em beleza, profundidade e altura, muitíssimo além da mais alta das concepções. É realizando-se que se engrandece o Génio. A obra sonhada, a concepção inicial, o plano, o mais pormenorizado, não atingem, nem de longe, a altura a que a própria realização naturalmente conduz um verdadeiro Criador.

Mera hipótese, bem o sei. Mas nada impedia o poder genial de Guerra Junqueiro de realizar o mais alto Poema de todo o seu Século. Nada, a não ser os erros a que se entregou e a sua fraqueza perante a falsa glória.

Valor, tinha-o bastante para realizar e engrandecer a sua primitiva concepção, genial, desse Poema. Tempo foi-lhe dado por Deus. Mas com o castigo (o pior que pode haver para um Poeta) de não realizar a Obra que todo o seu génio requeria. Castigo para ele e desgraça para todos nós. Porque um Poeta que se não realiza inteiramente e com a altura, a grandiosidade e a pureza necessárias e possíveis, faz pior do que trair a sua glória, frustra a Humanidade inteira da Obra que deveria ampará-la e encaminhá-la no caminho da perfeição.

Um grande Poeta pode ser muito prejudicado, no conjunto da sua Obra, por transigências, desvios da sua actividade, sagrada, para outras que lhe não sirvam de preparação ou ajuda. Por muitos erros, próprios ou do Destino.

Mas por coisa alguma pode um grande Poeta ser aniquilado. E as suas mais altas concepções, mesmo quando não integral e perfeitamente realizadas, sempre de algum modo têm de afirmar-se e por qualquer coisa, de grande ainda, persistir.

O Poema '*O Caminho do Céu*' não foi realizado. Mas o pensamento poético essencial da sua concepção, que se nos revela no plano e fragmentos conservados, fecundou outra Obra, engrandeceu-a e através dela, apesar de tudo, se afirma e persiste no que ela tem de grande e eterno.

O pensamento religioso, a concepção dramática da redenção da Vida pela Dor, as ideias e os sentimentos fundamentais de '*O Caminho do Céu*', irromperam no Poema '*Pátria*', alargaram os estreitos limites da concepção que lhe era própria, venceram o anedótico e o satírico e dentro dele, contra o natural, se realizaram, em parte, e persistem, com grandeza incompleta mas muito alta.

Antes da publicação, em 1925, das relíquias do Poema '*O Caminho do Céu*', não era fácil compreender-se o motivo íntimo, o verdadeiro motivo poético, porque se tornara possível, numa Sátira sem justiça nem altura, sem verdadeira Poesia nem pensamento profundo, elevar-se Guerra Junqueiro tão alto em Poemas a que nem aquela Sátira, inferior, consegue diminuir a genial força e perfeita e pura beleza.

Depois daquela publicação o motivo ficou bem patente. Mas não sei que, desde então até hoje, alguém tenha mostrado a ligação que existe, íntima e funda, entre a concepção daquele Poema '*O Caminho do Céu*' e o que tem de grande e perene o Poema '*Pátria*'.

E, no entanto, essa ligação é tudo quanto há de mais evidente. A figura-símbolo do Peregrino do Caminho do Céu é nitidamente, até na descrição que dele nos é feita nos versos iniciais do Poema que, inacabados, perduraram, a figura-símbolo de o Doido no Poema '*Pátria*'. O desvio que fez dessa Figura uma simples alegoria de Portugal, e a rebaixa, é a resultante de outra concepção, própria desse Poema.

Outro símbolo, ainda mais claramente, passa do Poema '*O Caminho do Céu*', apenas concebido, para o outro que foi levado à realização completa, o símbolo da Espada sacrossanta, «A Espada de Dor e Amor, a Espada de Deus».

A concepção dramática do Homem que, abandonada a vida simples, a aldeia ou a Terra Mãe, se lança na aventura do Mundo, e regressa vencido, é a mesma. Vinha de '*Os Simples*' e tinha a sua natural continuação no Poema '*O Caminho do Céu*'. A «Oração e Confissão do Peregrino» «a história da sua vida» prefiguram e impõem a do *Doido*. Não é uma concepção histórica de Portugal.

É uma imposição do pensamento dolorista ao suposto destino de um Povo que deste modo, e muito erradamente, se torna o Símbolo (impossível e sem vitalidade poética) do castigo imposto à grandeza e ao pecado.

Qual o pecado? O de ter sido o Povo que dilatou a Fé e o Império? O de ter sido o Povo de Deus no descobrimento dos Mares e novas Terras do Globo?

É preciso que se tenha obnubilado todo o sentido histórico e também o religioso, Cristão, para assim pensar. Bem certo é que na falsa concepção da História de Portugal, e seu significado, que foi a de Oliveira Martins, e em muitas outras e não menos erradas ideias *históricas*, anteriores ou contemporâneas, encontrou Guerra Junqueiro directo motivo para alegorizar um Portugal pecador por ambição, traído pela grandeza, enlouquecido por supostos males após a momentânea redenção do *Cativeiro*. Mas tudo isto apenas explica a facilidade com que a concepção simbólica, perfeitamente aceitável e grande na Figura do Peregrino, passou a constituir a errada concepção da História, da vida e Destino de um grande Povo. E sobre essa base a ideia dolorista de Guerra Junqueiro (a do '*Caminho do Céu*') exasperou o que antes fora pensado e escrito sobre o destino de Portugal. Levou tudo isso, muito naturalmente, às últimas e absurdas consequências. Levou até à Crucificação e à Morte a figura alegórica de Portugal.

A seis anos de distância de um episódio muito amargo, mas nada mais do que isto, da renovada expansão do País; resolvida e superada essa crise pela acção Colonial, a mais gloriosa; o Poeta *previa*, negando as qualidades naturais dos Vates e Profetas, a morte de Portugal. O Poema '*Pátria*' (que paradoxo este simples e grandioso título neste Poema alegórico!) foi publicado em 1896. O ano das vitórias de África. O ano de Chaimite. O ano que firmou o novo Império de Moçambique. A coincidência é aflitiva para os dons de vaticínio de Guerra Junqueiro.

Que possibilidade tinham, aliás, o episódio, embora amargo, do Ultimatum, passado já o delírio colectivo que ele provocou, ou a forma possível como a sua crise já se resolvera, de serem o motivo grande e eterno de um Poema em que se prefigurava a morte de Portugal, simbolizando nela o resgate dos humanos pecados na Crucificação e Redenção em Dor?

Não me parece audácia da Crítica interpretativa supôr o que se passou no espírito de Guerra Junqueiro ao elaborar o Poema '*Pátria*'. Este não deve ter passado inicialmente da ideia de mais uma sátira, mais um panfleto em verso, como o outro, pior, em prosa, com que fecha o volume.

Mas se, por um lado, a errada visão histórica de Oliveira Martins alargara essa ideia inicial à categoria de injustíssima Sátira dirigida contra a Dinastia de Bragança, por outro lado a concepção dolorista, vivida na íntima elaboração do Poema '*O Caminho do Céu*', a elevou à representação dramática do pensamento do Poeta.

O novo Poema alongou-se e demorou quase um lustro a ser realzado. E em 1896 anuncia a morte de um Povo que se afirmara já em plena glória da sua nova Expansão Imperial. E, em 1896, apontava como covarde, vil e desinteressado por toda a Obra Colonial o Rei que a decidira e mais que ninguém a impulsionou, contrariado por todos os profissionais da política partidarista e todos os agitadores revolucionários. O mesmo Rei que veio a ser a vítima da sua própria grandeza e da luta inicial com os Partidos e as paixões plebeístas desencadeadas.

Bastaria este destino trágico do Rei, e a verdade histórica sobre a sua acção, para, definindo a absoluta injustiça da Sátira, a condenar irremessivelmente. E não bastando isto, é toda a injustiça quanto à acção do País e da sua Dinastia Nacional, entre 1640 e esse momento de ódios revolucionários sem motivo, que tira todo o valor a quanto no Poema '*Pátria*' constitui pròpriamente um Poema Satírico.

Por outro lado, repito, a errada concepção de toda a vida histórica de Portugal priva o Poema, quase por inteiro, de valor dramático. Mas, vencendo tudo isto, a concepção de um Poema Dramático da redenção pela Dor, a concepção genial de '*O Caminho do Céu*', impunha-se ao Poeta e dava-lhe as condições naturais para a realização de alta e profunda, não episódica e perecível mas eterna Poesia.

Separadas naturalmente do conjunto do Poema, juntas e lidas em sua natural sequência, as falas do Doido, esquecida a falsa alegoria, têm uma grandeza dramática e uma beleza excepcionais. Diminui-as apenas a verdade histórica, a realidade que não conseguem fazer-nos esquecer nem mesmo com o seu fácil mas muito belo *mistério*, dado por um delírio entre saudoso e profético.

O tema *histórico* era o menos indicado para exprimir o pensamento de Guerra Junqueiro. Mas a grandeza da sua concepção religiosa e o seu pensamento dolorista não foram por esse tema inteiramente abafados.

Toda essa concepção e a força desse pensamento foram juntos na fala do Espectro de Nun'Álvares. A figura histórica do Santo Condestável está mal interpretada e amesquinha-se na representação simbólica a que a forçou a contradição íntima do espírito do Poeta, solicitado por duas concepções contraditórias. Pior ainda é ter o Poeta (embora através dessa *fala* do seu personagem) feito depender da quebra de um juramento de pureza, e de remição de um pecado paterno, o destino inteiro de uma Pátria.

Tudo isto esquece quando se lêem os admiráveis tercetos desse Poema quase independente do conjunto do Poema Dramático em que, por força do errado tema histórico, foi integrado. Mas é fácil prever a grandeza, muito mais pura, que a esse Poema dariam a liberdade e a naturalidade, maiores, de um tema simbólico perfeito.

A Parte do Poema '*O Caminho do Céu*' que deveria ser a da luta na *Cidade do Mal* contra «o rei, que era filho do Anti-Cristo», antes ou depois do *cativeiro* do *Peregrino*, na dor ou no triunfo,

logo reconhecido precário, da revolução libertadora, era onde naturalmente, e engrandecendo-o, deveria ter sido integrado o Poema do guerreiro que não foi bastante puro em seu combate sagrado. Libertos de qualquer espécie de comparação histórica, os tercetos do Santo Combatente (as falas do *Peregrino*) ganham uma grandeza perfeita e um significado eterno:

*«Oh, miseranda, lastimosa sorte,
A deste coração desbaratado
Que outrora se julgou tão puro e forte!*

*«Deu com ele a gangrena do pecado,
Qual um bicho escondido que apodrece
Um deleitoso fruto embalsamado.*

*«Nada valem tenções, nem vale a prece:
É das obras que vem à criatura
O galardão e a pena que merece.»*

Tudo o que existe de grande, muito grande, neste Poema de uma alma que se poluiu na acção imperfeita e se redime sofrendo a máxima dor, é a *fala*, realizada por interior imposição do pensamento poético, do *Peregrino do Caminho do Céu*. Não é, senão por imposição exterior, uma fala atribuível ao Santo Condestável.

Ela exprime, com um poder admirável de Poesia verdadeira, a concepção dolorista, a ideia da redenção pela dor.

*«Ó lágrima de dor, por que mistério
Súbitamente ao ânimo torvado
Me deste paz, clareza e refrigério?...*

*«Todo eu me senti purificado:
Num ditoso sofrer o meu tormento
Numa pena benvinda o meu cuidado.»*

Quando no Poema Dramático (vencida já, de todo, a concepção satírica, muito menos alta) o *Doido* reconhece no Espectro de Nun'Álvares o seu próprio Ser de outrora; quando, recuperada a Alma, ele se torna o consciente intérprete do pensamento do Poema e da mais íntima e alta crença do Poeta, o hino à Dor vai crescendo até à mais absoluta afirmação do seu valor, único e imorredoiro.

Toda esta parte do Poema é de uma grandeza genial que apenas se diminui se continuamos a pensar que se trata de uma interpretação alegórica de Portugal e do seu destino. Mas que, neste caso, se diminui muito gravemente.

É impossível atribuir a Portugal, mas inteiramente possível conceber como do *Peregrino do Caminho do Céu*, todo o final Cântico, admirável de poder, genial e eterno, à Dor Redentora:

«A Dor, a eterna Dor, eis o meu gozo.
O pão do meu banquete, cinza escura,
E o meu vinho jovial, fel amargoso.

«É a Dor quem liberta a criatura:
Ou em miséria humana ande encarnada,
Ou em tigre feroz ou rocha dura.

Oh, abrasame a alma envenenada,
Faz em carvão meu coração perverso,
Dor temerosa, Dor idolatrada,

Ó Dor, filha de Deus, mãe do Universo!»

Talvez não seja inútil transcrever a seguir alguns dos pensamentos fixados no plano de 'O Caminho do Céu', indicando o que seria o seu final e definindo o pensamento dolorista de Guerra Junqueiro:

«Perdão, Senhor! Os meus crimes e as minhas faltas não têm conta. E só na dor, com a alma em Deus, os poderei remir». «Ama infinitamente na infinita dor e chegarás a Deus, à glória eterna».

E lembrar, agora, os quase finais versos do Poema 'Pátria':

«Arde na Dor, carne maldita!
Revive em Dor, alma infinita!
Na Dor bendita espera e crê!...»

A conclusão é, por tudo isto, evidente. A ideia genial de 'O Caminho do Céu', impôs-se ao Poeta quando realizava um panfleto em verso, uma Sátira e não um Poema. E este surgiu, apesar de tudo, grande e alto.

Poderemos dizer, assim, que de facto 'O Caminho do Céu' foi realizado, com outro título e um diverso entrecho, no Poema 'Pátria'?

Não. O que podemos dizer é que a concepção genial do Poema 'O Caminho do Céu' se impôs à realização de um Poema diverso e, no que lhe é próprio, muito inferior àquele. O que devemos, infelizmente, dizer é que a ideia pura e grande, alta e de eterno valor, de 'O Caminho do Céu' foi rebaixada e só por momentos venceu e perdurou. O que devemos dizer, com todo o respeito devido ao Génio que, mesmo assim, se afirmou, é que, em troca de um Poema eterno, ele nos deu uma Obra impura, errada e, em seu conjunto, perecível, aonde, apesar de tudo, há Poemas parciais de eterna beleza.

Foram eles que emprestaram grandeza a todo o resto. Eles que não permitem condenar, à semelhança de outras Sátiras e Panfletos de Guerra Junqueiro, a Obra em que se integraram. Eles que nos revelam a que extraordinária e perfeita grandeza subira o génio poético de Guerra Junqueiro. Mas também eles o que nos faz

ter maior pena, irremediável e terrível pena, dos erros do Poeta e da falta do Poema em que poderia ter alcançado toda a grandeza que lhe era possível.

Erros e transigências com a falsa glória e o que do Poeta esperava, sempre ansiosamente, um público inferior e de baixa ideologia revolucionária. Para ele escrevia a Sátira ao Rei, à Dinastia de Bragança e, afinal, à grandeza verdadeira de mais de dois séculos de História, igual nas realizações à dos séculos anteriores. Porque não é inútil considerar de novo o erro histórico de negar o valor a um período histórico no qual se estruturou e cresceu e fez de magnitude incomparável o Império do Brasil.

Para servir paixões momentâneas e sem justiça, rebaixou o Poeta a sua concepção genial. E o Poema que deveria ter sido a cúpula de toda a sua Obra — e um Poema eterno de perfeita beleza — deixou de ser realizado.

A isto classificou o próprio Guerra Junqueiro de *falência de uma alma*, referindo-se, com muito menos piedade e muito maior dureza, ao caso de Fialho de Almeida.

Transcrevo, por muito necessário à definição do próprio caso de Guerra Junqueiro e da consciência que ele teve do seu próprio erro, procurando, a propósito de outrem, atribuir-lhe a causa ao meio ambiente:

«Entre os projectos literários do admirável artista, um havia mais que todos acariciado e fecundo, os *Cavadores*, místico poema, síntese sublime da vida da terra, da planta e do camponês, obra de fisiologista, de psicólogo e de poeta, ressumando sangue, transpirando lágrimas, drama tangível e real, movendo-se numa atmosfera enigmática de infinito e de sonho».

Até aqui o Poeta Guerra Junqueiro parece estar definindo o alto Poema '*Os Simples*', inteiramente realizado, ou, talvez, o outro Poema, frustrado, em que melhor se integraria a Poesia «O Cavador». Mas logo continua:

«Um livro elevado, Lisboa rasgou-lho: Em troca deu-lhe os *Gatos*. Dum poeta épico fez isto: um varredor da Baixa».

Ou, em troca do '*Prometeu Libertado*', de um grande Poeta Épico, as baixas Sátiras da '*Velhice do Padre Eterno*'? Ou, em troca do Poema Dramático '*O Caminho do Céu*', a sua diluição numa Obra que só por antítese tem o nome de '*Pátria*'?

A quem definia o grande Poeta Guerra Junqueiro? A si próprio, decerto, como se vê, ainda melhor, da seguinte frase que corrobora tudo quanto neste Ensaio foi escrito sobre a verdadeira grandeza e a falsa glória de Guerra Junqueiro:

«Conclusão: o desmantelamento da sociedade portuguesa actuou no espírito impressionável dum grande poeta, esterilizando-lhe a génese da obra humana, imorredoura, e fecundando-lhe a semente da obra particularista e transitória».

Mas a desculpa do grande Poeta não é de aceitar. A responsabilidade não foi da *sociedade portuguesa* nem do seu desmantelamento, para o qual ele tanto contribuiu. A culpa foi da falsa glória

e a responsabilidade unicamente do Poeta que se lhe submeteu. Quem fora capaz daquela tão lúcida análise do erro em que se deixara cair, só tinha uma coisa a fazer: anular o que era «obra particularista e transitória» e refazer e criar, em toda a sua perfeição, a «obra humana, imorredoura».

Transigir com o êxito, e o que requerem as turbas revolucionárias; aceitar e servir a falsa glória, é uma fraqueza imprópria de um grande Poeta e que se paga muito caro.

Porque não pensou antes e não cumpriu integralmente o que escreveu, em 1903, na «Carta-prefácio aos *Pobres*» de Raul Brandão?

«Se nos amesquinham a fama e cercearem a glória, desviando de nós as multidões, que não pensam e vão para onde as levam, melhor. Os que nos querem, os que nos amam, os que nos entendem ficarão connosco. Os outros, deixando-nos, prestam-nos favor. Lesam-nos somente na vaidade que é vício ruim, grama que custa a deitar fora».

Porque mais cedo não recusou o grande Poeta os aplausos das «multidões, que não pensam», e aceitou transigir com o que elas lhe pediam e fazer obras muito inferiores ao seu valor e aos seus verdadeiros Poemas?

Porque foi que, desde 1888, ao atingir a fase de plenitude genial, não exigiu de si próprio a vida verdadeira e alta, de sacrifício e dever, a vida, afinal, única feliz de um Poeta? Demasiado tarde, talvez, e ainda para o não cumprir, confienciava a João Grave o que este, depois, testemunhou no *prefácio* ao plano de *'O Caminho do Céu'*.

«— Eu preciso, meu amigo, de dois anos de clausura e de paz; preciso de entrar em religião...».

Mas «entrar em religião», para um Poeta, não é, principalmente, afastar-se da agitação do Mundo e recolher-se a uma «clausura», embora isto lhe seja útil e facilite o essencial que é a recusa de qualquer transigência, do seu espírito e da sua grandeza, com as paixões inferiores das «multidões, que não pensam», com o êxito, as modas vãs de uma época e a falsa glória.

Quando entrou em religião, o grande Poeta escreveu *'Os Simples'*. Quando aceitou as seduções da falsa glória e serviu estéreis agitações políticas, as Obras que seriam a natural realização do seu génio em cada uma das suas grandes fases, sempre ascendentes, deixaram de ser escritas.

Foi o que, infelizmente, aconteceu à sua mais vasta e pessoal concepção, a de *'O Caminho do Céu'*. A ela e à maior parte do seu vasto e grandioso plano de Cânticos religiosos, o seu «Livro de Orações» cuja ideia inicial deve datar de, pelo menos, 1892, ano em que foi anunciado em nota final de *'Os Simples'*.

De 1893 deve realmente ser o primeiro desses Cânticos religiosos, a '*Oração ao Pão*'.

De 1894 é o *fragmento* (quanto isto dói!) de um Poema que muito naturalmente deveria integrar-se nesse «Livro de Orações», talvez na «Oração à Flor», as quatro dezenas de versos, admiráveis, de «A agonia do castanheiro» recolhidos nas '*Poesias Dispersas*'.

A realização do Poema '*Pátria*' interrompeu o curso natural da verdadeira realização poética de Junqueiro. E só em 1899 vemos reaparecer aquele veio, profundo e puro, da Poesia religiosa do grande Poeta. É o que nos mostra o curto mas genial Poema (recolhido nas '*Poesias Dispersas*') que Junqueiro intitulou «Evolução», definindo não só a ideia nele expressa mas também o seu pensamento, profundo e alto, de Poeta e a evolução em que ascendera a uma Crença, para além da sua concepção dolorista que deveria ter ficado realizada, perfeita e perene e sempre válida, no Poema '*O caminho do Céu*'. Nessa Poesia (ou fragmento da «Oração do Homem»?) altíssima Poesia em sua brevidade, mostra-se já transcendido o anterior Dolorismo na concepção de uma verdade mais alta.

*«A alma branca, iluminada,
Transfigurada pela dor,
Essa não vai à sepultura,
Porque é já Deus na criatura,
Porque é o Espírito, é o Amor.*

*«Na vida vã da terra sepulcral
Só o amor é infinito e só ele é imortal!*

.....

«Morreu a dor, para nascer o Amor!

*«E só o Amor na vida sepulcral
É infinito e é imortal!»*

Do mesmo ano, de 1899, é outra Poesia, de menor altura mas de extraordinária beleza e funda magia verbal, intitulada «Ao Luar», que nos confirma o estranho e triste caso de serem as suas melhores Poesias as que mais tempo deixou inéditas e *dispersas*.

Que data podemos fixar à criação do mais alto Poema desta fase última e genial do grande Poeta, a '*Oração à Luz*'?

Ao publicar, em 1902, a '*Oração ao Pão*', Guerra Junqueiro anunciou como estando pronto a «entrar no prelo» ou em preparação tudo o que deveria constituir, quando realizado, a Obra suprema para que tendera toda a evolução, profunda, muitas vezes interrompida exteriormente, do seu génio.

Do Poema '*O Caminho do Céu*' fora poluída a concepção genial e já era tarde para o refazer, ultrapassada a fase a cujo pensamento, integralmente vivido, ele correspondia. Dos '*Ensaios Espirituais — A lei da Vida*' ainda talvez não tivesse chegado a fase própria, a de sistematização das verdades alcançadas por um

grande pensamento poético, em sua nova fase de Poesia religiosa e quando inteiramente realizada. Eram, no entanto, anunciados como prontos «a entrar no prelo». Mas deles só nos ficaram curtos e dispersos fragmentos.

Na evolução de Guerra Junqueiro era esta a fase natural da criação dos Cânticos religiosos do seu Panpsiquismo crescentemente Humanizado e Cristianizado.

Anunciava o Poeta ao publicar a '*Oração ao Pão*', em 1902, mais dezassete «Orações», especificando os seus títulos. E de todas elas só uma foi criada, a '*Oração à Luz*'.

Dada então como pronta «a entrar no prelo», estava realmente já feita? O anúncio não garante nada, pois engloba outras duas Orações que não foram feitas ou de que só existem fragmentos, se lhes pertenciam, como suponho, os versos de «A agonia do Castanheiro» (à «Oração à Flor») e da «Evolução» (à «Oração do Homem»), escritos em 1899.

É mais uma indicação, esse anúncio, igual às muitas que nos deu, através de toda a sua vida, o Poeta — a da ansiosa esperança de um Génio muitas vezes contrariado e que queria ver inteiramente cumprido o seu destino e realizada a Obra que merecia.

Já feita, ou não, em 1902, podemos considerar a '*Oração à Luz*' o último Poema de Guerra Junqueiro. Desgraçadamente o último. Porque nele o Poeta atingiu a plenitude perfeita do seu génio, a verdade profunda e alta do seu pensamento, a perfeição da Arte. E era portanto o momento de criar a sua obra grandiosa e mais alta, o conjunto dos seus Cânticos religiosos o seu «Livro de Orações». E a '*Oração à Luz*', genial e grande como é, verdadeiramente constitui, no entanto, uma *Introdução* a essa nova Obra, frustrada em sua plenitude, o Cântico inicial do «Infinito».

Mas esse Cântico em si próprio, é eterno e perfeito. Atingida essa grandeza o Génio deve emudecer? Não. Atingida essa grandeza o Génio deve criar a Obra mais alta ainda, a Obra integral que ela inicia.

Mas com a '*Oração à Luz*', em 1904, o Poeta já nenhuma Obra anunciava.

E para fazer todas as Obras supremas por ele próprio indicadas teve ainda o Poeta a vida necessária. Mas outra sedução, pior que a da realização de panfletos, a de uma estéril agitação política, inteiramente o venceu.

De 1902-1903 é também a sua melhor obra em prosa — o prefácio dos '*Pobres*' de Raul Brandão. De 1908 uma grande página ainda, de auto-definição, com o pretexto de um alheio retrato. Depois disto, mesmo na prosa (em tudo o que se reuniu nas '*Prosas Dispersas*') há apenas ecos da grandeza atingida.

E não merece a pena dizer o que há nos artigos, panfletos e discursos, de várias épocas, recolhidos nas '*Horas de Combate*' ou nas '*Horas de Luta*'. Ou, antes, é preciso dizer o que há neles de mais evidente, e muitíssimo triste, o rebaixamento de um grande e genial Poeta à condição de ídolo de primários. A exemplificação

dos motivos porque não foram realizadas algumas Obras de génio. De nada mais valem, se isto é valer.

O futuro esquecerá tudo quanto permitiu, manteve e ainda hoje constitui a falsa glória de Guerra Junqueiro. Mas para que a sua glória verdadeira seja toda a que merece, por quanto fez de grande, humano, imorredoiro, há que juntar num só Livro — o seu «Livro de Orações» — quanto o seu génio, muito alto, logrou impor a uma vida imperfeita de Poeta.

Essa antologia a fazer — o «Livro de Orações de Guerra Junqueiro» — melhor permitirá o estudo perfeito do seu pensamento, muito alto e muito nobre.

Porque toda a evolução deste grande Poeta, e desde sempre e apesar de tudo, ascendeu para uma Verdade religiosa. E a '*Oração à Luz*', fechando por este modo uma fase inteira, iniciada com o Poema «Confissões», mostra o que era para ele a Cruz da Verdade Eterna, que a Morte lhe apontara:

*«Uma cruz imortal em pensamento,
Uma infinita cruz cheia de luz,
Aberta aos mundos num deslumbramento...
Cruz, que, vindo de Deus, trespassse o inferno,
Cruz abarcando toda a imensidade,
Cruz onde um Cristo, o Amor Eterno,
Chore sem fim a dor da Eternidade!...»*

Ante a grandeza do pensamento poético, a beleza perfeita, a Poesia sublime da '*Oração à Luz*', já nem pode subsistir o desgosto por nos vermos frustrados, irremediavelmente, de muitas Obras grandes que Guerra Junqueiro deixou de criar, podendo fazê-lo.

Ou se agrava esse desgosto?

De um ou de outro modo, as palavras finais que merece devem ser as de justa admiração pela sua Obra verdadeira, grande e eterna.

OBRAS de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

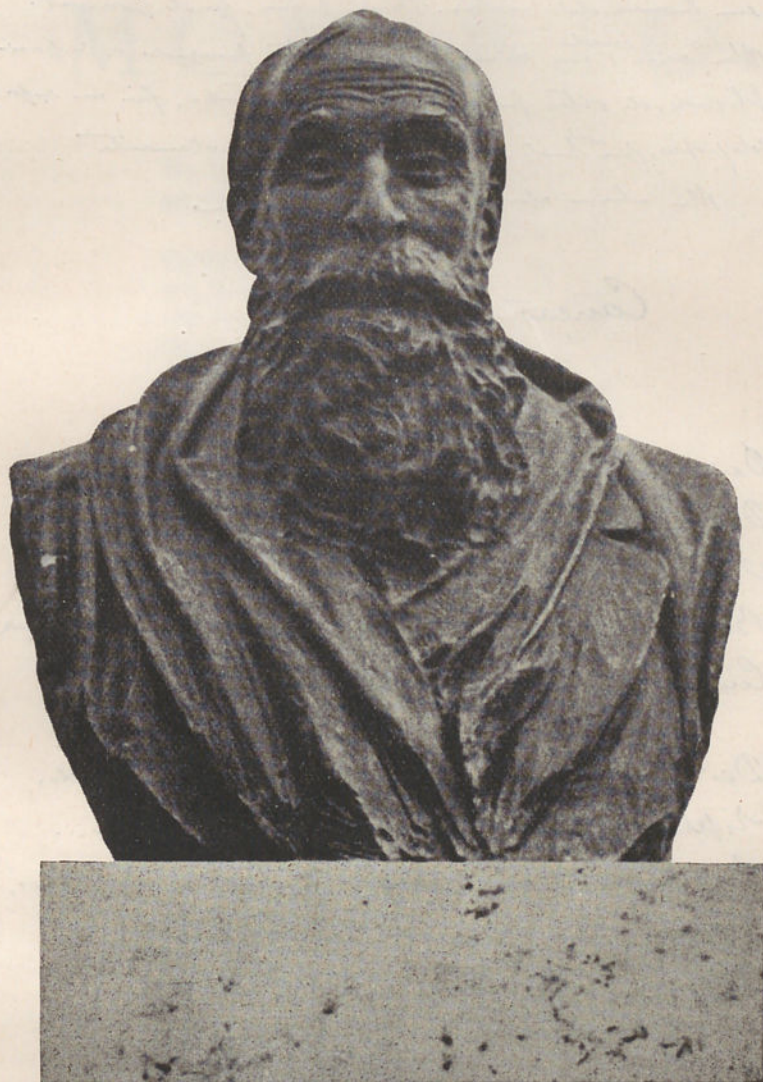
EDIÇÕES DE «OCIDENTE» E DA «REVISTA DE PORTUGAL»

«NOTAS VICENTINAS» — Tomo I — *Gil Vicente em Bruxelas*; Tomo II — *A Rainha Velha e o Monólogo do Vaqueiro* — *Romance à morte del-Rei D. Manuel e à aclamação de D. João III.* Tomos III/VII — *Cultura Intelectual e Nobreza Literária.* Tomo VIII — *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina.*

Tomo IX — *Frontispício, Índices e Capa.*

O volume completo com 664 páginas e 22 facsímiles — 150\$00.

«LIÇÕES DE FILOLOGIA» — 1 volume de 432 páginas — 80\$00



BUSTO DE GUERRA JUNQUEIRO

inaugurado em Freixo de Espada à Cinta em 15-9-50

Por TEIXEIRA LOPES

M O M E N T O

Na beira da fonte
sentei-me cansada.

Cativo o meu corpo
e o Sonho também
em transes cativo
do sonho que vivo
na vida que vem.

Esvaíram-se as sombras.
Borboleta azul
traz rastros de flor
ao Anjo que adeja
de mim em redor,

e em espadas de luz
me oculta o Deserto.
Aragens tranquilas
fecundam eternas
a corola aberta.

Canta a fonte, canta...
Verde na paisagem
o som se levanta.
Há séculos de imagens
na fonte que canta.
Há rios altivos
na música branda.

Na beira da fonte
sentei-me cansada,
o véu sobre a fronte,
não fosse o momento real-irreal
fugir por me ver
na beira da fonte.

Quase escondo os braços,
vidro transparente.
Existo no espaço?
Diluo-me e passo
na amada corrente.

MARIA DA GRAÇA AZAMBUJA

NIVELAMENTO

Nivelamento,
cruzes abertas em pano raso,
asas planando
no ar subtil,
denso e amarelo
no sol dos charcos.

Lembra-me Abril.
Em que promessas ando entretida
que não se move
débil raiz adormecida,
que só planura surge queimada
e o mato ardente
sonha na tarde, inútilmente,
o búzio ausente
de uma levada?

Canta-me na alma uma sereia.
Vede, que é linda!
Cabelos vermelhos,
suspiros longos de lua-cheia.
Cada momento
surge-me estrela
no azul do tempo.

Mas baixo, à noite
calma e magnética,
o arco-íris lembra caminhos
mágicos torvos de solidão.

Quebro a moldura
sobre o piano.
Com cinzas mato o fogo amigo
e vou no vento...
E vou no vento
ao jeito antigo
de andar descalça sobre o irreal,
linhas aéreas os braços finos
que apertam tontos
o coração universal.



SOB A INVOCAÇÃO DE CLIO

Crónica de RODRIGUES CAVALHEIRO

DA PAISAGEM PORTUGUESA Outubro é, em Portugal, o mês em que mais belamente esplende a Natureza. Sob a suavidade outonal incipiente a nossa Terra, de recantos e aspectos únicos no Mundo, oferece encantamento de sobra a um Povo que melhor a devia amar e respeitar. Mas queremos-lhe nós bastante — e, acima de tudo, com suficiente consciência? Aco-me à lembrança, agora, aquela canção de Lopes Vieira, em que os Castelos, as Igrejas e os Claustros, as Torres dos Relógios, os Arcos, por fim as Árvores e as Paisagens, «vozes de espectral soluço», choram de dor pelos malefícios que lhes fazem em Portugal. As Árvores lamentam-se:

*Nas almas há grande seca,
e todos nos vem cortar.
A terra será charneca
sem mais verde que o do mar.*

E as Paisagens previnem, pateticamente:

*A cada uma, alegre ou triste,
que ainda haja, olhai-nos bem;
que em breve já não existe
onde poise o olhar de alguém...*

Isto vem no 'País Lilás, Destêrro Azul', escrito e publicado durante o *Cativeiro de Argel*... Mas mudou-se hoje tanto quanto seria para desejar? É certo que, num conservantismo inexplicável, porque é exagerado culto da imobilidade, mesmo com sacrifício da beleza, há quem lamente, por exemplo, o admirável revestimento vegetal do Marão, que à grande Serra veio trazer aspectos novos de encantamento. Mas a fábula do velho, do rapaz e do burro não conhece latitudes intelectuais, nem altitudes geográficas... E o gosto dos intelectuais, em face das maravilhas da Terra, oferece-nos reacções várias e, por vezes, bem imprevistas. Recorde-se uma reportagem do começo do século, que já se pode considerar achega

para aquela *História da Sensibilidade Portuguesa* que António Sardinha sonhou um dia escrever.

Há mais de quarenta anos, uma publicação portuguesa dirigida pelo alto espírito de Henrique Lopes de Mendonça — a revista '*Serões*' — interrogou os homens de letras e artistas então em voga, num inquérito que interessou a opinião pública, acerca de qual o sítio do País que, entre toda a nossa Paisagem, eles preferiam. As respostas, assinadas quase todas por nomes consagrados, foram numerosas e diversas. Longe de se obter uma unanimidade, verificou-se uma dispersão de gostos que veio demonstrar que Portugal era pródigo de belezas naturais, capazes de satisfazer, em quantidade e qualidade, o mais exigente escol de intelectuais.

Poucos são, dentre os interrogados de então, os que ainda vivem actualmente. Parecendo de ontem, essas páginas dos '*Serões*' são já um vasto e triste cemitério. Dos escritores que, nessa altura, caminhavam para a glória ou para a notoriedade, estão ainda, felizmente, entre nós, honrando em alto lugar as letras portuguesas, as figuras eminentes de Júlio Dantas e António Correia de Oliveira. E dos artistas existe apenas Francisco Valença. Todos os outros — poetas, ensaístas, pintores, eruditos — descansam já, serenamente, na outra vida...

Mas que aspectos de beleza e de sugestão oferecia Portugal, há quarenta anos, à sua *élite* mental? Era num tempo em que se esboçava apenas o movimento de reintegração dos Portugueses no espírito e na alma da sua própria Pátria. Na esteira do Ramalho de '*O Culto da Arte em Portugal*', do Eça de '*A Cidade e as Serras*', do Alberto de Oliveira das '*Palavras Loucas*', os escritores e artistas portugueses refluíam, na sua inspiração, para a Terra Mater — e nela começavam a distinguir o muito que possuía de atraente.

E, assim, Abel Botelho — romancista em pleno apogeu de criação — confessava: — «A minha preferência é toda para as montanhas, para essas convulsas regiões da Beira Alta e do Douro, em que a terra se ergue num empilhamento colossal de morros, colinas, serras, córregos e precipícios, na sua exasperada ânsia de escalar o Infinito». Também as montanhas atraíam Luciano Freire, que então reintegrava os painéis de Nuno Gonçalves, e que declarava: — «Se o campo, em geral, me apraz, só a paisagem montanhosa me emociona profundamente». E acrescentava, concretamente: — «Conheço uma região de Portugal que muito particularmente me emociona: é a cortada pela estrada regular que de Guimarães conduz a Arco de Baúlhe, passando pela serra da Lameira, Gandarela, etc., e pela velha estrada, coeva de Nun'Álvares Pereira, que atravessa as terras de que foi senhorio.»

O Buçaco — como é natural — encontrou, nesse inquérito, adeptos fervorosos. Um deles — e dos mais entusiásticos — foi Guerra Junqueiro, que votou pela mata formosíssima e pelas praias do Sul, dizendo: — «A floresta e o mar são as aproximações do Infinito. A floresta é uma oração; o mar uma grande messe de ondas». E depois: — «O Buçaco é uma floresta sagrada, divina, espi-

ritual. Paisagem para um santo, para uma grande alma contemplativa e cheia de amor: Beethoven ou S. Francisco de Assis». Da mesma forma pensava José Sarmiento, jornalista ilustre, que se definia assim: — «Decididamente, meus amigos, eu voto pelo Buçaco». Pelo contrário, João Penha afirmava, num desafio: — «Ao Buçaco é ir e fugir». E, após uma bela e poética descrição do horizonte em que todos os dias mergulhava a sua alma de trovador, João Penha concluía: — «O Bom Jesus é outra coisa. Ao Bom Jesus é ir e ficar». E Francisco Valença, então quase no início da sua bela carreira artística, votava também por Braga e o Bom Jesus.

Magalhães Lima, político e orador, comprazia-se em enaltecer as margens do Vouga, «cantadas pelo Bingre, o saudoso poeta que muitos desconhecem, deliciosos sítios a que os choupais e salgueirais, reflectindo as suas ramadas nas águas cristalinas do rio, semelhando figuras fantásticas, imprimem a feição dum paraíso ideal, que o amor, cioso e avaro, só concede aos privilegiados da fortuna». Para Correia de Oliveira, cantor admirável das raízes e das fontes, também o Vouga, na paisagem belíssima de S. Pedro do Sul, o encanta. E respondia com um soneto, de que destacamos esta primeira quadra:

*Ó paisagem da Beira, ó flor e cruz,
Ó riso e dor, estranha como a face
Pagã de Ceres, quando meditasse
Nas místicas palavras de Jesus...*

Fialho de Almeida espriava-se em considerações psicológicas, aconselhando a escolha do local preferido de harmonia com o estado de espírito da ocasião. E dizia: — «De norte a sul, segundo a cultura literária, o instinto colorista, o temperamento dramático de quem olha, quantos sugestivos lugares de melancolia poética, de arroubo místico, de idílio floriano, de pesadelo, de remorso ou de catástrofe!» E terminava por aconselhar: — «Não é preferível, em vez de me perguntar a mim por sítios pitorescos, dar *clichés* de fotografos, com os preços quilométricos do comboio e aconselhar o público a que escolha?»

Outros dos interrogados — como Columbano e Júlio Dantas — confessavam a sua culpa de pouco conhecedores da paisagem portuguesa. O grande pintor dizia: — «Não sou um paisagista... Conheço pouco a paisagem portuguesa, mas, para mim, do que conheço é Sintra que prefiro». E o autor eminente de '*A Ceia dos Cardeais*' respondia assim: — «Como bom português que sou, não conheço ainda todo Portugal... O que mais me tem impressionado, de tudo quanto conheço de paisagem da nossa terra: os campos de Coimbra, vistos do velho castelo de Montemor, pela ruína de uma das janelas da alcáçova das Infantas». E terminava, com entusiasmo: — «São uma maravilha!»

Para Jorge Colaço, que preferia «o rio Douro, sobretudo nas proximidades da Régua», este aspecto nobre e severo do País era

«um símbolo petrificado da História de Portugal». Para Augusto Gil, a sua predilecção ia para «o divino e ignorado vale do Mondego, ao poente da Guarda». O mar tinha também os seus fanáticos. Teófilo Braga, por exemplo, que opinava: — «Há uma paisagem que nunca se apaga, porque tem infinitas expressões em que se compraz todo o estado psíquico; e essa paisagem é o Mar». E Afonso Lopes Vieira, da sua linda casa de S. Pedro de Muel, proclamava: — «O sítio mais pitoresco de uma pátria é aquele em que tivermos vivido mais e melhor: é o ponto de vista do nosso coração. Para mim, será este de onde escrevo. Há uma grande floresta — e o Mar». Também Cândido de Figueiredo, que — confessava — não admirava nem amava o campo, preferia «qualquer praia de areias fulvas, suavemente beijada pelas ondas, numa silenciosa noite de luar», embora, acima de tudo, escolhesse, para refúgio e deleite do seu espírito, o seu modesto gabinete de trabalho...

Os Açores também tiveram os seus eleitores: — Olga de Moraes Sarmiento e Alfredo Mesquita. «Impressão forte, intensa, mesmo emocionante — escrevia a primeira — tive-a na Ilha de S. Miguel, visitando o Vale das Furnas e o das Sete Cidades». E o segundo, à pergunta posta, respondia sem hesitar e categòricamente: — «Vale das Furnas, na Ilha de S. Miguel».

E resta mencionar os que a Lisboa, ao seu pitoresco ou ao seu modernismo (já ele despontava nos bairros novos da Estefânia e das Avenidas) afirmaram a sua dedicação incondicional. Um deles foi Bulhão Pato, o poeta da 'Paqueta', então um dos poucos representantes vivos dos bons tempos românticos, e que evocava os arredores da capital — as *hortas* célebres — e terminava, roído de saudades da época já distante da sua mocidade de guitarradas, esperas de toiros e aventuras amorosas: — «Vamos para as bandas de Arroios, vamos para as *hortas*, que estão a desaparecer». Santos Tavares preferia abertamente Lisboa, a que chamava «calvário de humildades», e Henrique de Vasconcelos, seduzido pelo luxo e movimento da capital, escolhia, como sítio mais belo do país, — «a Avenida, ao domingo»...

Há quarenta anos pensavam, assim, da paisagem portuguesa os nossos intelectuais — escritores, jornalistas, estetas e pintores. Portugal era, talvez, menos nosso conhecido do que hoje. O turismo interno desenvolveu-se extraordinariamente nos últimos tempos. A segunda Grande Guerra obrigou-nos a cultivar o nosso jardim... Boas estradas, facilidade de transportes, melhor rede de hotéis revelaram Portugal aos portugueses. Que pensam agora, sobre o questionário — velho de quase meio-século — dos 'Serões' os plumitivos e artistas que enxameiam no Chiado e arredores? Novos horizontes surgiram à apreciação do seu gosto, novas preferências se podem cultivar. A nossa paisagem renovou-se ou valorizou-se, e, de norte a sul, quanta descoberta a fazer por montes e vales, praias e rios, por esse Portugal fora, digno, cada vez mais, das exclamações de entusiasmo e de ternura do bom avô Jacinto, ao subir, deslumbrado, a esplendorosa serra de Tormes...



NOTAS DE ARTE

Por **DIOGO DE MACEDO**

ARTE PORTUGUESA NO ESTRANGEIRO Em princípio não concordamos com os impedimentos de saída do País de obras de Arte Portuguesa, quando estas se destinam a Exposições Universais às quais acorrem milhares e milhares de pessoas de todo o Mundo, amadores, críticos, sábios e curiosos, que querem conhecer a Arte das terras aonde não podem ir, estudá-la, fazer com ela comparações ou simplesmente admirá-la, e que um despacho qualquer, de egoísmos, medos ou exageros de protecção, nem sempre ponderado em favor do interesse cultural da Nação, pode obstar aos benefícios que essas exhibições dão à Arte de cada país, auxiliando a sua justa integração na História Geral da Arte. Somos também contra a avareza de fecharmos nas galerias nacionais a nossa Arte toda de qualquer período ou de qualquer Artista, desde que tenhamos bastante para fortuna do nosso Património e ainda para expansão desses valores em Museus estrangeiros, nos quais cada obra em exposição representa uma permanente afirmação dos méritos artísticos dos países donde vieram, senão a honra de direitos em cenáculos de génios seleccionados, sobretudo, como no nosso caso particular em que raríssimamente se encontra nas galerias públicas mundiais, uma tábua portuguesa do Século XVI, por exemplo, ou a reprodução duma estátua de Soares dos Reis ou uma tela de Malhoa ou de Pousão, que com o nosso egoísmo provinciano limitamos à glória local, quando bem mereciam pertencer à glória universal.

Igualmente entendemos que nas nossas casas em terras estrangeiras, embaixadas, instituições de cultura ou de turismo, lugares de categoria e públicos, enfim, onde a nossa Arte devia ter presença por orgulho nacional e mesmo como pretexto publicitário, se deviam ter em permanente exposição algumas obras de Arte com a função decorativa, sem prejuízo na selecção do Património que na maioria devemos conservar dentro de fronteiras. Mas não concordamos, porém, que se vá aos Museus nacionais buscar estas obras de Arte, quando elas ali fazem falta mesmo que nem sempre estejam expostas, sendo preferível neste caso que se adquiram propositamente as obras a enviar para o estrangeiro a título definitivo e que, como propriedade da Nação, aumentam o número das espécies do nosso Património.

Claro está que para as Exposições Internacionais, o problema pode ser encarado diferentemente, porque essas obras de Arte levam bilhete e passaporte de ida e volta por determinado tempo e com todas as garantias dum seguro que os caprichos do destino tomam à sua conta, podendo ser escolhidas com cautelas e reservas de bom senso e previsão nas colecções dos nossos Museus. Acresce ainda o caso especialíssimo das representações da Arte Nacional em Museus de maior categoria no estrangeiro, que passa a ser de propriedade desses Museus, seleccionada com o mais atinado sentido da representação que convenha ao bom nome do País, e que, portanto, só por excepção referente aos Artistas modernos não poderá deixar de ser recolhida das colecções mais avultadas nas espécies dos nossos Museus.

Todavia, sempre que seja possível, esse espólio dos Museus deve ser respeitado e defendido nestes e em mil outros casos internos que não são motivo deste parecer. O perigo de guerras, incêndios, destruições, furtos, ruínas e quantas calamidades que o homem prevê, mas não pode em inesperados casos defender, tanto surge numa terra como noutra, num museu ou numa embaixada da América ou da Europa, e até pode — oh se pode! — acontecer nas instalações da mais pacata galeria de Lisboa. Na mão de Deus está depositada a sorte da Arte.

Ainda não há muito tempo que em Berlim, na nossa Embaixada, foram atacadas pelo infortúnio do destino humano, muitas peças de Arte que o Estado tinha adquirido para enriquecer e embelezar aquela instalação. Por certo tudo desapareceu, porque de nada houve mais notícias. Bem maior seria a lástima nacional, se aquelas obras de Arte houvessem saído dos nossos Museus, como algumas vezes tem acontecido, ficando sujeita essa parte do nosso inventariado Património às inclemências da fúria dos homens, do desleixo ou dos ataques dos elementos.

Assim, em Berlim, a par de muitas outras obras de Arte, segundo documento que temos à vista, só de Columbano foram atacadas seis obras, que a viúva do Artista para ali tinha vendido em 1943 — em pleno período da guerra —, e das quais não sabemos se alguma escapou. Porque recentemente através duma *Nota* nesta revista tivemos a sorte de saber de muitas obras de Arte que nos diziam respeito e na Alemanha se encontravam, vamos cometer o abuso de nova e semelhante esperança, dizendo aqui quais foram essas obras, nada menos de quatro pinturas a óleo — *Melancias*, com meio metro de alto por um metro de largura, duas telas com uma *Cabeça de mulher* em cada uma, medindo 0,35 por 0,27, e um esboceto com as *Tágides*, de 0,48 por 0,58 nas dimensões, e mais dois desenhos que foram *Estudos para o tecto do Teatro de D. Maria II*, em Lisboa, ambos pequenos, regulando um palmo no tamanho.

Na nossa Embaixada em Roma temos depositado um outro quadro de Columbano, merecedor de estar patente no Museu de Arte Moderna daquela cidade. Columbano é exactamente um dos

nossos Artistas que devia figurar em Museus estrangeiros, se nos preocupasse essa política cultural de dar expansão condigna e necessária à Arte Portuguesa. Mas, que nos conste, só em Paris tem um pequenino quadro, com uma *Natureza-morta*, que nem os Portugueses vão ver, quando ali passam, e na Galeria Pitti, de Florença, um seu *Auto-Retrato* no mais glorioso emparceiramento com os dos maiores Pintores do mundo.

No Rio de Janeiro, onde alguns quadros deste Artista andam por coleções particulares, como *Encantadora prima* e *Dois Amigos*, da sua primeira fase, parece-nos que no Museu de Belas Artes existem quatro pinturas suas, ou sejam *Locandeira*, *Luva branca*, *O Soldado* e *Busto de mulher*. No resto do Brasil não sabemos se algum outro quadro seu figura em Museus.

Confessemos que para o nosso orgulho nacional é pouquíssima a representação do génio de Columbano nos Museus estrangeiros. Nem em Londres, nem em Madrid, nem em Nova Iorque, a sua presença nas galerias públicas fala da nossa Arte. Não seria acertado a diplomacia do Espírito meditar no caso e procurar, com tino e colaboração de competentes conselheiros, levar a essas galerias o atestado do nosso prestígio artístico? A reprodução em bronze de algumas obras de Soares dos Reis também poderia ser considerada. Deste Artista, só no Rio de Janeiro existem quatro obras. É pouco, é insuficiente, é egoísmo de mais!

De Sousa Pinto, Malhoa, Carlos Reis e Teixeira Lopes possui o Brasil bastantes obras. Mas no resto do Mundo? E os demais Artistas? Estamos num período de propaganda e fala-se muito de intercâmbios. Integremo-nos nas realidades do tempo e não cruzemos os braços a calcular o valor material das obras de Arte que temos fechadas e... às moscas.

APROVEITAMEN- Saborosos e judiciosos são os escritos anti-
TO DE BRADOS gos, quando lidos, como nos acontece a nós,
sem obediência a programas de qualquer espécie, mas tão-sòmente pelo prazer de comunicar e admirar. Os leitores de capacidade média são modestos nas obrigações de Cultura. Sem outra ambição comprazemo-nos em ler velhos folhetos de Arte e, entre estes, os de Machado de Castro. No ofertório à Rainha D. Maria I, do seu «Discurso sobre as utilidades do desenho», que recitou na Casa Pia do Castelo de S. Jorge, no dia de Natal de 1787, antes dos fatais e laudatórios cumprimentos à Majestade Fidelíssima, ele quis abrir a festa com o contar duma história remota, dando-lhe o chiste de vernácula linguagem tão própria das suas lições. E então iniciou a arenga declarando:

«SENHORA:

«O Celebre Architecto *Dinocrates*, vendo que não podia conseguir ser apresentado ao *Grande Alexandre*, para lhe expor hum projecto notavel, que concebêra na idéa, se valeo da industria de

se adornar de modo exquisito, para que vendo-o de longe o Monarcha, a especiação dum Ente, na apparencia novo, lhe excitasse o appetite de querer conhecê-lo.

«Eu, seguindo este systema, sendo hum mero Artista, visto agora as apparencias de Litterato para chegar aos pés do Throno com hum projecto ainda maior que o de *Dinocrates*.

«Aquelle, sendo Architecto, propoz ao Soberano fazer huma Estatua de tal grandeza, que em huma das suas mãos se fundasse huma Cidade: eu, sendo Estatuario, proponho a V. MAGESTADE hum edeficio vivente, cujas preciosidades se vejam em todo este Reino e seus vastos Dominios. Edeficio tanto mais estimavel que a Estatua de *Dinocrates*, quanto he de maior valor a instrucção do espirito, do que o ser que em si contém as produções materiais.»

Depois de confessar, com modéstia convencional, o «desalinho com que se acha fabricada» nas suas palavras a delineação do edificio que propõe, declara: «porém, como o seu objecto he augmentar os interesses e a gloria da Nação Portugueza, estas circumstancias lhe fazem merecer as attentões, que não devêra conseguir pelo seu artificio».

Sabemos bem que Machado de Castro se referia a uma escola, laboratório ou officina prática das Artes do Desenho que trazia em sonho e riscos de organização. Com o tempo, estas e outras houveram realidades, sujeitas, contudo, a periódicas reformas e modernizações no modo de actuar bem em favor de ensinos e educações de gosto. Mas as suas palavras daquela oração podem hoje aproveitar-se com já demorada oportunidade, para solicitação duma Galeria de Arte Moderna — visto termos a sorte de possuir uma excelente de Arte Antiga —, em substituição da infortunada e insufficiente de Arte Contemporânea. Calha a preciso jeito o pedido de «um edeficio vivente, cujas preciosidades se vejam em todo este reino e seus vastos domínios», com o respeito exigido pelos «interesses e a glória da Nação Portugueza». Que esse «edeficio tanto mais estimavel quanto é de maior valor a instrucção do espirito», que por seu dever e exposição pública procede em beneficio da cultura nacional e dignidade da grei, seja depressa e conforme exigências da civilização de hoje, estudado e construído em condições e lugar apropriados, é o que supplica a quem de direito e faz as vezes das Majestades Fidelíssimas, o povo portuguez que ama, julga e defende a Arte do seu tempo, que vê perigar, esquecida, em casa tão pobre e tão acanhada.

Ainda há pouco, obcecado por esta causa santa, teimosia de brados que julgamos honrosos, lemos num jornal, assinadas por Samuel Maia, estas palavras que também aproveitamos: «agora que se ganhou juízo para governar com acerto e reparar erros velhos, mesmo com séculos de duração, mal se aceitam descuidos capazes de ferir o bom nome adquirido por Portugal entre as nações mais dignas do Mundo». A insuficiência e as perigosas condições do Museu de Arte Contemporânea, são descuidos desses e dos mais incompreensíveis.

NOS DOMÍNIOS DA ETNOGRAFIA E DO FOLCLORE

Por LUÍS CHAVES

RELAÇÕES ENTRE FOLCLORISTAS BRASILEIROS E PORTUGUESES — No dia 14 de Junho passado, o '*Diário Popular*' trouxe a seguinte notícia, que transcrevo na íntegra: — «Encontra-se em Lisboa, em missão cultural da

Comissão Nacional Brasileira de Folclore (I. B. E. C. C.), o sr. Dr. Florival Seraine, membro da referida Comissão e eleito recentemente sócio efectivo do Instituto do Ceará. Antes de continuar a sua viagem por diversos países da Europa, deseja o sr. Dr. Florival Seraine entrar em contacto com os portugueses que mais se têm dedicado ao estudo do folclore, trabalhando para o desenvolvimento do intercâmbio com o Brasil, a fim de estreitar, ainda mais, os laços de amizade que unem portugueses e brasileiros, entre os quais existem grandes e permanentes afinidades de espírito e de cultura.

«Pretende visitar os Museu de Etnografia e Folclore e é portador de uma mensagem de saudação dos folcloristas brasileiros aos seus colegas portugueses, mensagem que será entregue esta tarde, no Museu Etnográfico de Belém, ao sr. Dr. Luís Chaves.

«Teve o sr. Dr. Florival Seraine a amabilidade, que agradecemos, de vir à nossa Redacção apresentar cumprimentos».

Outros jornais publicaram notícia idêntica. Transcrevi a do '*Diário Popular*', por me parecer a mais completa e por ventura a que foi mais lida.

Por estas notícias, ficou toda a gente, em geral, e ficaram os folcloristas da nossa terra, em especial, com a convicção de que me foi entregue uma mensagem dos cultores do Folclore no Brasil. Devo uma explicação, que é já tardia, aos folcloristas de cá. No entanto, valha-nos o velho aforismo, tão característico, de que nos servimos constantemente: — mais vale tarde que nunca. Este nunca, deixou de o ser, porque finda agora. E é esta a varanda própria de onde posso explicar o que na realidade se passou.

O sr. Dr. Florival Seraine visitou o Museu Etnológico. Deve esclarecer-se que o Museu é Etnológico e não simplesmente Etnográfico; tem a sua Secção de Etnografia, que é, por um lado, o complemento do estudo da Etnologia Portuguesa, e, por outro, a preparação para o estudioso ou curioso compreender as ligações da Páleo-Etnografia com a Etnografia moderna ou actual, a que por opposição poderemos chamar Neo-Etnografia.

O notável cultor brasileiro do Folclore trouxe-me uma carta do Dr. Renato Almeida, Secretário-Geral da Comissão Nacional de Folclore, do Rio de Janeiro. Renato Almeida é bem conhecido entre nós pela sua obra folclórica de orientação científica e de características modernas nestes estudos, para que seja necessário

apresentá-lo a quem os segue também com cuidado e elevação em Portugal. Estamos em relações amistosas, e mais que isso, cordiais. A cada passo me escreve e envia trabalhos seus, que leio sempre com proveito e simpatia.

A *Comissão Nacional de Folclore do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — I. B. E. C. C. (Comissão Nacional da U. N. E. S. C. O.)*, com sede no Itamaraty — Rio de Janeiro, distribui, profusamente, folhas com notícias de comunicações, estudos, bibliografia, discussões, exposições, etc., de factos etnográficos e folclóricos; muitos deles têm grande importância para o conhecimento da origem, da translação, da adaptação e difusão de práticas e costumes, levados de Portugal pelos colonos. Vai já por duzentos o número dessas folhas. Todas ou quase todas me chegaram até agora às mãos. Só lamento que as espécies, transmitidas apenas em notícia bibliográfica, me não cheguem igualmente, para poder completar com a leitura delas o conhecimento dos estudos, hoje prosseguidos no Brasil com simpático frenesi. É certo que bastantes são os autores que me enviam trabalhos da sua iniciativa; a quase todos desconheço pessoalmente, o que melhor prova o empenho que têm por conhecerem os seus camaradas portugueses e entabularem com eles as mais íntimas relações.

A mim, porém, bicho-do-mato e sempre com o tempo marcado a minutos como em corrida de montanha (vá de expressão, que está na moda do dia, com a corrida ciclística em volta de Portugal, — e que volta, feita de torcidos!), mal me chega o vagar para cumprir os deveres de cortesia. Eles, que me perdõem, que não é por mal; um dia se pagarão as dívidas todas; é questão de aberta de sol no fim da tormenta; e cá volta a expressão de há pouco: — mais vale tarde que nunca!

Mas voltemos à «mensagem» anunciada, e ponhamos todos os pontos nos ii.

A ocorrência não tem nada de novela policial, embora assim posta, e depois das notícias da Imprensa, pareça que o é ou poderia ser.

O sr. Dr. Florival Seraine entregou-me, da parte do Dr. Renato Almeida, a carta, que também transcrevo:

Tenho a satisfação de apresentar-lhe o nosso ilustre colega, Doutor Florival Seraine, folclorista brasileiro e membro da Sub-Comissão Cearense de Folclore, que vai a esse belo país em viagem de estudos.

2. Peço a Vossa Excelência acolher com a sua costumada solicitude este nosso companheiro, a quem incumbi de apresentar-lhe e, por seu intermédio aos folcloristas portugueses, as expressões muito sinceras de nossas cordiais saudações.

Aproveito o ensejo etc., etc. a) Renato Almeida — (Secretário-Geral).

Não me parece que realmente seja uma «Mensagem» no rigor do termo; se, porém, deve ser considerada assim esta carta, que não é mais que apresentação de um folclorista ilustre, escrita por um amigo e folclorista não menos ilustre, então já cá não está quem

falou, e dou a mão à palmatória. «Mensagem» de facto ou não, e, a sê-lo, exigiria certa solenidade e mesmo apurado protocolo académico, tem uma virtude singular, que está na prova de estima e consideração de um brasileiro, que o sabe ser, aos flocloristas portugueses, que ele muito bem sabe que são portugueses de lei e de grei; o meu nome serviu apenas de meio útil para chegar ao fim desejado: o de transmitir «as expressões muito sinceras de nossas cordiais saudações».

O Dr. Seraine vinha a Portugal; pretendia entrar em relações directas com os colegas nos estudos da mesma estirpe, que trabalham em Portugal; nada de mais natural o propósito de se servir de mim, aqui no Museu Etnológico, onde têm eco todos os trabalhos e todos os trabalhadores do campo da Etnografia em Portugal, para transmitir a todos estes as saudações cordiais. Uma vez recebidas por mim, muito à puridade as agradeço por todos e a todos dou conhecimento do que realmente aconteceu.

Resta dizer que esta carta foi datada no Rio a 28 de Março, e recebi-a, por mão própria do interessado, em 14 de Junho.

OUTRA CARTA, SEM Posteriormente à carta de Renato AL-
ALCUNHA NENHUMA meida, entregue pelo Dr. Florival Se-
raine, recebi outra, do mesmo teor, sem
que fosse anunciada qualquer data para a entrega, também de apre-
sentação, também escrita pelo sr. Dr. Renato Almeida, e também
com saudações. Como ninguém teve notícia dela, tomam conheci-
mento do assunto os nossos folcloristas.

Esteve em Portugal no mês de Junho o sr. Dr. Dante de Laytano, Professor da Universidade do Rio Grande do Sul. Conhecia-o de trabalhos, que me enviava, de cartas e das folhas da Comissão Nacional de Folclore. Travei agora conhecimento pessoal com este escritor, historiador e folclorista brasileiro, que me deixou, como o Dr. Seraine, agradáveis impressões.

Devo transcrever a carta, como fiz à outra. Esta confirma os sentimentos da anterior. Tem a data de 28 de Abril deste ano.

É, para mim, grande prazer e honra apresentar a Vossa Excelência, o Senhor Professor Dante de Laytano, da Universidade do Rio Grande do Sul, escritor, historiador e folclorista emérito, além de grande amigo da cultura portuguesa, como aliás todos nós.

2. O Doutor Dante de Laytano leva à Europa várias incumbências e missões, mas entre elas nenhuma tem a importância da que ora lhe atribuo — de apresentar-lhe e, por seu intermédio aos nossos companheiros, folcloristas de Portugal, a expressão da nossa viva admiração e grande simpatia.

3. Poderá o Doutor Dante de Laytano trocar ideias com Vossa Excelência a propósito do Congresso Luso-Brasileiro de Folclore.

Aproveito o ensejo etc., etc. a) Renato Almeida — (Secretário-Geral).

Aqui ficam assim revelados os propósitos da apresentação e uma das missões do Prof. Laytano, ao visitar-nos. Conversámos à vontade sobre o Congresso. Quando Gastão de Bettencourt foi, no

princípio do ano, ao Brasil, levou carta minha para o Dr. Renato Almeida, em que, por seu pedido, reduzia a objectivos mais concretos o projecto do Congresso Luso-Brasileiro de Folclore; todos se lembram de que em 1947, faz agora precisamente, mês por mês, três anos, houve um «pequeno congresso», em Lisboa, de etnógrafos portugueses e brasileiros, por iniciativa do Secretariado Nacional da Informação, tomada por sugestão do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, quando este decidiu realizar o Congresso na Capital portuguesa; estiveram presentes os folcloristas brasileiros, srs. Drs. Luís da Câmara Cascudo e Luís Heitor Correia de Azevedo; o Dr. Renato Almeida, embora convidado como os dois patrícios, não pôde comparecer, por motivos oficiais da sua Pátria; no entanto, ao vir à Europa, durante a reunião, esteve umas horas em Lisboa, e inteirou-se dos assuntos discutidos. Foi então publicado na Imprensa de Portugal e do Brasil o comunicado oficial, transmitido pela reunião.

Os Brasileiros, na ânsia de se apresentarem bem no Congresso, começaram a trabalhar afanosamente, e muito já têm feito. É para nós altamente lisonjeiro que a reunião de 1947 tenha dado, na banda de lá do Atlântico, estes magníficos resultados. E mais sugestiva ainda é a decisão de realizarem no Rio de Janeiro o 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, desde que não foi possível até hoje efectuar em Lisboa o 1.º Congresso Luso-Brasileiro, marcado em princípio para 1948 e depois adiado para 1949. Os Brasileiros preparam o seu para 1951. Quando será o luso-brasileiro ninguém o poderá hoje supor!

Desencontro meu com o Dr. Renato Almeida no Aeroporto de Lisboa, quando ele regressava, de missão diplomática na Europa, ao Brasil, desencontro proveniente do adiamento da viagem em trânsito por cá, não me foi possível conversar com ele, sem deixar de o fazer, como até agora, por meio de papéis que amigos ou o correio lhe levam.

SAUDAÇÕES: MENSAGEM? TALVEZ! PROJECTOS Gastão de Bettencourt regressou à Pátria, e trouxe-me carta do sr. Dr. Renato Almeida, pouco anterior à primeira, de que fiz transcrição, pois é do mesmo mês de Março, e difere só no dia, que é 6 e não 28. Igualmente quero transcrever esta carta como fiz as outras, pois se dirige como elas, por meu intermédio, a todos os folcloristas portugueses; e alguma coisa acrescenta aos cumprimentos, pois nos anuncia para o ano próximo o 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, a que atrás aludi:

A presença entre nós de Gastão de Bettencourt, companheiro querido e amigo incomparável do Brasil, nos oferece ensejo feliz de endereçar, por seu alto intermédio nossa saudação afectuosa e cordial aos folcloristas portugueses. A Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, empenhou-se sempre em manter uma colaboração perfeita com os colegas portugueses, não apenas pelo imperativo da cordialidade que,

em todos os ramos da cultura, deve haver entre Portugal e o Brasil, mas, também, porque, no campo dos estudos folclóricos, há uma tal interpenetração de esferas, decorrentes das origens comuns, que, sem um estudo comparativo, dificilmente se poderá chegar a conclusões razoáveis em numerosos sectores de nossas actividades.

2. A Comissão Nacional de Folclore considera assim imprescindível a realização projectada do Congresso Luso-Brasileiro de Folclore, para o qual já foram feitos excelentes trabalhos preparatórios, mas entende, por outro lado, que, devendo reunir-se, no ano vindouro, nesta capital, o I Congresso Brasileiro de Folclore, seria de toda a conveniência adiar o certame das duas nações para depois do nacional. Neste, os folcloristas brasileiros terão adoptado um certo número de resoluções normativas de suas actividades, que serão por certo do maior alcance para as deliberações a serem tomadas em conjunto. O nosso amigo Gastão de Bettencourt transmitirá de viva voz as nossas impressões a esse propósito, e nenhum embaixador poderíamos pretender mais autorizado.

3. Pedimos também a Gastão de Bettencourt que seja o intérprete junto aos companheiros de Portugal dos testemunhos da nossa viva admiração pela obra considerável que vêm realizando a favor das artes e tradições populares, contribuindo dessa forma para esclarecer, por igual, muitos problemas do folclore brasileiro. Ele dirá também a nossa simpatia e o desejo ardente da Comissão Nacional de Folclore, interpretando os sentimentos de todos os folcloristas do Brasil, de que seja cada vez mais íntima a colaboração entre nós, para uma obra de fé no espírito dos dois povos e de engrandecimento comum da cultura luso-brasileira.

Aproveito o ensejo etc., etc. a) Renato Almeida — (Secretário-Geral).

Note-se que todas estas três cartas têm carácter officioso da Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura, e são assinadas pelo seu Secretário-Geral, que nunca deixa de as assinar como tal, para que deixem de ter feição particular e pessoal, e antes conservem toda a significação da origem colectiva.

Gastão de Bettencourt cumpriu de cá para lá e de lá para cá a sua missão cultural de embaixador autorizado. Lá, no Brasil, informou os colegas folcloristas do que se passava por cá, onde não se perdeu a esperança de que há-de realizar-se o 1.º Congresso Luso-Brasileiro de Folclore, a que sucederão outros no Brasil e no Império Ultramarino de Portugal; cá, em Portugal, referiu-nos o entusiasmo, o método, o desenvolvimento, que estão a dar a estes estudos os folcloristas brasileiros. Pois que esse empenho cultural continue com os melhores frutos, são os nossos desejos.

Aqui estão desfeitos os enganos e satisfeitas as curiosidades, que notícias de mensagens criaram e talvez tenham aborrecido. Nuvens, por ventura, que se desfazem, mas Sol que, em troca, aparece em pleno azul. Assim seja!



Já depois destas notas chegou carta nova com saudações e rogos aos folcloristas de Portugal.



CONSULTÓRIO LINGUÍSTICO

Por AUGUSTO MORENO

(Continuação da resposta à pergunta de A. B. M., formulada em o n.º 147)

Vimos como a expressão se deve harmonizar, e nem sempre harmoniza, com o pensamento.

Na elaboração mental, a unidade de produto é a *ideia*; na expressão, a unidade de discurso é a *palavra*.

As palavras associam-se entre si para constituírem a *frase*, a *oração*, o *período*, o *parágrafo*, etc., assim como as ideias entre si se associam para constituírem o *pensamento*.

Ideia é o *elemento subjectivo da palavra*, da mesma forma que o *pensamento* é o *elemento subjectivo da oração* e das outras formas do discurso.

Entre os quatro termos principais pode estabelecer-se a seguinte proporção:

A *ideia* está para a *palavra*, assim como o *pensamento* está para a *oração*.

Palavra é a expressão da *ideia*, ou seja a *ideia objectivada*; *oração* é a expressão do *pensamento*, ou seja o *pensamento objectivado*.

Nas orações chamadas *implícitas*, como *oh! ai! sim, não*, a expressão do pensamento reduz-se a um termo único, e que é como que um *comprimido vocabular*: a linguagem apresenta-se no lance no seu *máximo grau de condensação*.

Enfeixamento sintético por excelência, a análise de tais orações vem a ser essencialmente uma simples operação de desdobramento, que consiste em pôr expresso tudo o que estava subentendido.

A oração também se define como a *expressão verbal de um juízo*, entendendo-se por *juízo a percepção da relação de conveniência* ou *desconveniência entre os dois termos de uma afirmação* ou, em geral, de uma *enunciação de sentido*.

Esses dois termos são o *sujeito* e o *predicado* da oração.

O primeiro é o elemento de quem ou do qual se afirma ou enuncia alguma coisa; o segundo é tudo quanto se afirma ou enuncia do primeiro.

Este pode faltar nas orações chamadas *impessoais*: então o predicado é aquilo que se *afirma ou enuncia em si*, sem atribuição, nesse caso impossível, vista a inexistência do sujeito.

A *afirmação* ou *enunciação* é especialmente indicada pelo *verbo*.

O verbo é, pois, o núcleo da oração ou o centro do juízo: é a palavra em que por excelência reside e se concentra o *espírito da frase*.

Havemos de todavia ponderar, com o Professor Tomás Brandão, que o *juízo* é pertença da *Lógica*, e a *oração*, que também se chama *proposição*, objecto próprio da *Gramática*.

As orações agrupam-se em maior ou menor número, constituindo o *período*.

Período é, portanto, a expressão de um *sentido geral*, seccionado em sentidos parciais, menores, e entre si encadeados.

Cada sentido parcial constitui uma oração ou proposição.



CAMÕES SALVANDO 'OS LUSÍADAS'

Por FRANCISCO RESENDE



CAVALOS EM MANADA

Paisagem alentejana

(PERTENCENTE À COLECCÃO DO PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA)

Por DORDIO GOMES

Esta pode ser, ou não ser, de estrutura gramatical autónoma: se é, diz-se *independente*; se não, diz-se *subordinada* àquela de cuja forma depender e que é a sua *subordinante*.

A divisão do período em orações, ou seja o fraccionamento do sentido geral em outros parciais e mais simples é uma operação subconsciente do nosso engenho, que para ser bem feita exige perfeita apreensão do sentido global, perfeita interpretação do que está escrito e cabal conhecimento da estrutura do período.

Quem não domine bem o sentido geral dele, a exacta significação dos vocábulos e a sua estrutura formal não é capaz de o saber analisar com segurança.

Sempre que um indivíduo se proponha falar ou escrever, tem naturalmente um pensamento global que comunicar ou que deixar no papel. Posto a falar ou a escrever, vai de seu natural seccionando esse pensamento noutros parcelares, menores, que se vão constituindo partes componentes ou peças integrantes do todo geral. As pausas naturais na fala, os sinais de pontuação na escrita vão separando e delimitando sucessivamente as orações. As vírgulas e os pontos e vírgulas, sobretudo, são assim como que *marcos* que se vão plantando na extrema das divisões, entre oração e oração.

De maneira que a *análise lógica*, e de caminho até a *sintáctica*, enquanto não passe de simples desdobramento, vão sendo assim praticadas (às vezes até inconsciente ou intuitivamente) por todo o indivíduo que se sirva da linguagem como veículo do pensamento e instrumento da expressão.

Pode dar-se o caso de o período conter apenas um único sentido singelo: é o caso do *período simples*, que muitos autores nem consideram verdadeiro período, mas sim como um simples *inciso*.

O mais geral, porém, é o período *composto*, quer seja por *coordenação*, quer por *subordinação*, quer por *complexação*.

Quando isso aconteça, dos sentidos parciais costuma de ordinário haver um que *sobreleva* a todos os outros, um que é, por assim dizer, o *núcleo do período*, o seu *centro de irradiação*: é a *oração principal*, que, sobre ser *independente*, tem sempre uma ou mais *subordinadas*.

Mas também pode suceder que os sentidos parciais se justaponham em igualdade de valor e sem predomínio de nenhum: é o caso das orações *coordenadas*, sucedendo-se sob a mesma relação de sentido e em perfeita identidade de natureza e de funções: então não há rigorosamente *oração principal*, embora todas as coordenadas sejam *independentes*, como a não há também no período simples.

O sentido do período, em geral *completo*, pode também ser *incompleto*, *implícito* e às vezes *latente*.

É *completo*, quando o pensamento se apresenta *cabalmente expresso*.

É *incompleto*, quando fica suspenso ou inacabado — ou porque o autor seja incapaz de o rematar, ou porque mui de propósito deseje subtraí-lo ao conhecimento de quem ouça ou leia.

É *implícito*, quando venha todo condensado, em geral numa partícula.

E *latente*, quando, sem expressão, se apresenta totalmente subentendido. É o caso das orações *semióticas*, que é preciso sempre considerar para perfeita integração da análise.

O período começa sempre por letra maiúscula e termina normalmente por *ponto final*, ou de *interrogação*, ou de *exclamação*, quando qualquer destes dois últimos sinais *coincidir com o ponto final*.

Pode terminar também em *reticência*, ou quando esta indique *suspensão de sentido*, ou quando denuncie *cadência no final da frase*.

Igualmente às vezes os *dois pontos* assinalam o fim do período, mas somente quando se siga, ou pergunta, ou resposta, ou citação, observação, explicação ou enumeração, para as quais seja de rigor a *abertura de novo parágrafo*.



1) Também não faço ideia bem clara do que seja a *coordenação* e do que seja a *subordinação*. Em que consiste uma e em que consiste a outra? — A. B. M.

R. — Num ou noutro dos dois modos fundamentais de arranjo em que as palavras se combinam e dispõem na frase, ou em que as orações se combinam e dispõem no período.

Na sua forma normal e completa, a frase é um grupo lógico de palavras, que se encadeiam para a expressão harmónica de um pensamento singelo.

É o período, nas mesmas condições, e como já vimos, é o conjunto de orações que se dispõem e encadeiam para a expressão harmónica de um pensamento global, ou seja de um sentido mais ou menos complexo.

Quer as palavras na frase, quer as orações no período, combinam-se e dispõem-se de duas maneiras diferentes e fundamentais.

Numa delas, o arranjo atende à *conexão* entre as palavras ou entre as orações: é o processo *paratático* ou de *coordenação*. Na outra, o arranjo tem em vista a recíproca *dependência* entre as mesmas palavras ou orações: é o processo *hipotático* ou de *subordinação*.

Foi Brugmann quem chamou *parataxe* e *hipotaxe*, respectivamente, aos dois processos de arranjo e disposição, que em conjunto constituem a *sintaxe*. Esta significa etimologicamente *construção*.

A *coordenação*, que, como dissemos, é *conexão*, pode ser de *palavras* ou de *orações*.

A mais simples é a que consiste numa sucessão de palavras ou de orações da mesma natureza, agrupadas sob a mesma relação de sentido e exercendo funções idênticas.

Mas ela pode ser menos simples, e existe sempre que haja *conexão* vocábular ou oracional.

A *coordenação* das palavras opera-se: a) pela *preposição*: casa DE António; bacharel EM Filosofia.

Obs. — Quando ocorra a elipse da preposição, a *coordenação* passa a fazer-se por *justaposição*: filho-família, por filho DE família; escola-modelo, por escola PARA modelo.

b) pela *posição*: CERTO amigo; amigo CERTO; TUAS saudades; saudades TUAS; VÁRIAS relações; relações VÁRIAS.

c) pela *aposição*: filho ANTÓNIO; irmão JOAQUIM; mulher BONITA; muito LINDAMENTE.

d) pela *predicação*: António MORREU; Carlos CHEGOU.

e) pelo *regime*: matar UM COELHO; dar AOS POBRES; útil À COLECTIVIDADE; conforme À RAZÃO.

f) pelo *verbo de ligação*: Deus É bom; Rodrigo ESTÁ doente; Emília PARECE leviana.

Obs. 1.^a — São os verbos de *significação indefinida* os que funcionam como *liame* entre o sujeito e o complemento, que então é *nome* ou *adjunto predicativo*. Por isso tais verbos se chamam *copulativos* ou de *ligação*.

Obs. 2.^a — Nas línguas sintéticas, a *coordenação* pela *preposição* é suprida pelas formas de flexão chamadas *casos*, que consistem na incorporação ao tema de desinências correspondentes às diversas relações.

A *coordenação das orações* faz-se:

a) pela *síndese* (*coordenação sindética*): Eu fui à feira E comprei lá um cavalo; aqui, soldados, havemos de vencer OU havemos de morrer; o homem crê, MAS vacila; eu penso, LOGO, existo.

Obs. 1.^a — A *coordenação sindética* é indicada pelas *conjunções coordenativas* ou de 1.^a classe, que são as *copulativas*, as *disjuntivas*, as *adversativas* e as *conclusivas*.

b) pela *justaposição* (*coordenação assindética*): António vive; Pedro vejeta.

Obs. 2.^a — As orações coordenadas assindeticamente também se dizem *justapostas* ou *colaterais*.



A *subordinação* é a dependência de uma palavra ou de uma oração em relação a outra.

Há, portanto, duas espécies de *subordinação*: a das *palavras* e a das *orações*.

Entre as palavras, como entre as orações, há uma verdadeira *hierar-*

quia: palavras ou orações que estão num plano superior; palavras ou orações que estão num plano inferior, em relação a outras.

Entre as palavras, são as chamadas *regentes* as que têm ascendência ou primazia sobre as demais, e são as chamadas *regidas* as que às outras ficam subalternizadas e às vezes mesmo escravizadas.

Entre as orações, são as *independentes*, e destas por excelência a *principal*, as que dominam as outras, e são as *subordinadas* as que ficam sob o domínio, sobretudo estrutural, das *independentes*.

Os principais factos decorrentes da *subordinação* são a *concordância*, a *regência* e a *construção*.

A *subordinação* das orações opera-se:

1.º — pelo *conectivo subordinativo*: *Desejo QUE tenhas saúde; amanhã, sairei, SE não chover; a casa QUE eu comprei é minha; não sei QUEM me procurou ontem; ignoro ONDE se encontra o Paulino.*

2.º — pelo *conectivo coordenativo*, quando vier ligando duas subordinadas da mesma espécie: *Aqueles a quem amei E ainda amo, isto é, aqueles a quem amei e a quem ainda amo; ficarei com o cavalo, se não for muito velho E não estiver espravonado, ou seja, ficarei com o cavalo, se não for muito velho e se não não estiver espravonado.*

Os *conectivos subordinativos* são, por excelência, as *conjunções subordinativas* ou de 2.ª classe, e os *pronomes e advérbios relativos e interrogativos*.

Referindo-se aos *pronomes relativos* na qualidade de *conectivos subordinativos*, Michel Bréal, em *'Mélanges de Mythologie et Linguistique'*, pág. 16, exprime-se assim:

«Os pronomes relativos são como que as *articulações* do discurso e as *molhas* da frase.»

Obs. — Nas orações infinitivas, o *conectivo subordinativo*, quando vem expresso, é a *preposição* ou *locução prepositiva*: *Não saias SEM me avisares; estarei convosco, ANTES DE partirdes; às vezes, fecho-me no meu escritório, PARA não me importunarem.*

2) Na frase: «Envio relação dos artigos julgados incapazes (ou incapaz?) do serviço», qual das formas estará certa, a que emprega «incapazes», ou a que emprega «incapaz»? — J. A. DE CASTRO.

R. — Só a que emprega «incapazes», no plural. Este adjectivo qualifica o substantivo «artigos». Tem de concordar com ele em género e número. Ora, quanto ao número, só satisfaz no plural, porque «artigos» também nesse número está. No tocante ao género, como o adjectivo é dos dois, masculino e feminino, sendo masculino o substantivo, também neste ponto a concordância fica satisfeita.

3) Leio isto numa Gramática Espanhola, do filólogo Gustavo Lemos, equatoriano: «Em castelhano perdeu-se a voz passiva, que suprimos pelo participio passivo e pelo auxiliar ser.» — Estará bem? Parece-me que, a ser assim em castelhano, outro tanto sucede em português. — UM SEU LEITOR.

R. — O que diz a Gramática está perfeitamente bem. E quanto à deficiência das formas propriamente passivas no castelhano, sofre do mesmo mal o português.

O latim tinha formas genuínas dessa voz, como *itur, curritur, vivitur*, etc. Não as recebeu a língua espanhola nem tão-pouco a portuguesa, que supre a falta, recorrendo ao mesmo participio e ao mesmo auxiliar, a não ser nas 3.ªs pessoas, em que o pronome reflexo pode empregar-se também como *partícula apassivante*, como em «*Vende-se* madeira de eucalipto», «*Alu-gam-se* quartos», etc.

Porto — Rua da Maternidade, 80.

A REVISTA MENSAL 'OCIDENTE' FUNDADA EM 1938 POR ALVARO PINTO JÁ COMPLETOU 38 VOLUMES COM MAIS DE 15.000 PÁGINAS DE LEITURA SÉRIA E 900 ILUSTRAÇÕES. / EXISTE UMA PEQUENA QUANTIDADE DE COLECÇÕES COMPLETAS: 38 VOLUMES ENCADERNADOS COM CAPAS DE PANO AZUL POR 3.250\$00



BIBLIOGRAFIA

LIVROS PORTUGUESES — XV

VERSO

De todos os Autores, mostra-mo a experiência já longa, são os Poetas Líricos, exclusiva e limitadamente Líricos (o que não é defeito estrutural mas é limitação e, por vezes, grave e contrária à própria grandeza possível) quem mais se nega a compreender e aceitar qualquer crítica das suas Obras.

Dentre eles, agora o venho verificando, principalmente os Novos, quer dizer, aqueles Poetas que mais deveriam desejar conhecer as reacções provocadas em qualquer espirito critico pelas suas Obras, para melhor assim eles próprios avaliarem o seu poder de comunicação.

Não me refiro, é claro, às reacções sem dignidade, e muito naturais em quem as manifesta, dos balofos esvaziados e dos empreiteiros da própria ou alheia propaganda. Entre os Poetas Novos, honra lhes seja, ainda não vi, até hoje, uma dessas inferiores reacções sem interesse intelectual nem moral. Mas a reacção de recusa ao que suponham a mais leve diminuição do seu talento, embora reconhecido, e das suas Obras, mesmo quando em parte louvadas, esta, sim, é quase constante.

Poetas Grandes, consagrados ou não, e com uma vida já longa de trabalho e altos dramas atrás de si e uma Obra que é a certeza da perenidade futura; Poetas Grandes e até Geniais compreenderam estas notas críticas, e o carácter de incentivo a maior grandeza que elas têm sempre, mesmo nas restrições, censuras e recusas do integral ou do comum louvor.

Os Novos, mesmo os de autêntica grandeza interior, já em parte realizada ou não, geralmente recusam o que não seja o seu louvor total e, ainda mais, exclusivo.

A culpa desta, para eles perigosa, atitude não é principalmente dos Novos. É da comum Crítica desde há muito submissa à *novidade* e com receio de a deixar sem um louvor. Para essa má Crítica, que só procura o *sensacional*, a Vida Literária é feita do aparecimento sucessivo de Novos a quem, ao fim de uma década, ou menos, outros se substituem e que por esta razão (ou sem razão) deixam de interessar. A isto chama *movimentos literários*, que apenas conhece e louva na fase de início, a que só tem interesse verdadeiro, afinal, pela sua influência nas Obras futuras dos poucos e grandes que deles emergem, ou, em casos raros, pela Obra de um ou outro Poeta que ao verdadeiro engenho junta a plena precocidade e a ela se deu, sem mais se interrogar, umas vezes na previsão da morte próxima e outras na da cruel derrota que a Vida imporá aos seus sonhos.

Mas houve sempre um outro motivo mais alto e mais próprio e genérico da reacção de recusa, por parte dos Poetas Líricos, a qualquer alheia Crítica. É o que, muito naturalmente, deriva da convicção, no Poeta Lírico, de que a sua Obra é a expressão directa de todo o seu *Ser*. Mas agravou-se perigosamente com a preferência dada na Poesia ao seu valor de expressão de um *Eu*, único e perecível e que por ela quer perdurar, sobre o seu valor de comunicação.

Esta preferência destrói uma unidade incindível porque sempre o Poeta se exprime comunicando (não importa a quantos nem se imediatamente) o que ele é de verdade e, ainda mais, o que realizando-se conseguiu compreender

do Universo e tornar Beleza e, nos Poetas Maiores, do que espiritualmente lhe acrescentou, criando.

O Poeta Épico e o Poeta Dramático sabem-no melhor, na libertadora aceitação das altas disciplinas que as Obras a realizar lhes impõem. Souberam-no também sempre, no passado, os maiores Poetas Líricos e que, por essa própria grandeza e para a realizarem, nunca foram exclusivamente Líricos, no sentido moderno da palavra.

Sabiam-no mesmo, no passado, os Poetas Líricos de mais absorvente mas nunca exclusiva limitação ao Lirismo, ou, mesmo não o sabendo, tinham de obedecer a essa lei da unidade expressiva e comunicativa que conduz à perfeição. Tinham de obedecer-lhe, benêficamente, pela aceitação das formas definidas dentro das quais, e contando com o seu poder de comunicação, exprimiam o *Eu*, único mas geralmente não muito diverso, ontem ou hoje.

Não destruiu esta unidade nem mesmo a prejudicou o Romantismo nas suas duas primeiras fases. Estava também este mal reservado para a sua decadência e dissolução, já manifesta na terceira e talvez a mais alta fase do Romantismo, a Simbolista, que por isto, mas só com aplicação parcial, mereceu a boa designação (de acaso ou altamente inspirada, pouco importa) de Decadentismo.

Estava reservado este mal em toda a sua virulência, quase mortal a alguns Poetas, para o Romantismo Ultra-Decadente a que se tem dado o nome de Modernismo.

Exasperado o valor da Poesia como expressão do Poeta, em breve se desceu a considerar válido (ou a temer o seja e não o percebamos) tudo o que ele escreve, ainda que não passe de simples e balbuciante anotação do que nem sequer atinge o estado consciente, indispensável à Poesia, embora deva ter fundas raízes na complexa sub-Consciência e receber inspirações da, ainda mais complexa, Super-Consciência.

O que se ganhou com esta indevida valorização de um só dos aspectos da Poesia foi mínimo. É que, salvo o caso dos homens de génio, não são muito diversos entre si esses pequenos mundos que constituem os seres humanos. E assim a plena liberdade e o exclusivismo na expressão do *eu* apenas serviu, geralmente, para menos bem se exprimirem homens em tudo semelhantes ao comum dos seus contemporâneos. E já nem considero aqui a estreitíssima limitação, e não alargamento do campo da Poesia, a que levou a preferência dada ao sub-consciente ou àquilo que, sem conhecimentos e por leituras superficiais, assim designam.

Foi mínimo o ganho, quanto à expressão, na originalidade individual e no que ela importa, quer dizer entre os contemporâneos e não relativamente aos antecessores porque esta, querida ou não, é fatal, mais ou menos absoluta e com diferenciação mais ou menos rápida.

Foi mínimo o ganho quanto ao valor de expressão pessoal da Poesia e foi enorme o prejuízo quanto ao seu valor de comunicação (indirectamente, portanto, daquela também) e à beleza formal indispensável a toda a Obra literária. Mas os Poetas limitada e exclusivamente Líricos não consideraram estes prejuízos e, ensimesmados e solipsistas, recusam o que, por carência da sua, melhor, autocrítica, deveriam dos outros acolher, como único meio de entrarem no caminho da verdadeira realização poética.

Porque necessariamente a Crítica terá de considerar o que é comunicável na Poesia. O que só vale para o Autor, o que para ele pode conter mundos (em sonho mas não realizados), o que nem sequer pode ser adivinhado através da imperfeita realização, com ele vive e morrerá. E tanto pode ser grande (mas apenas em sonho e em potencial) como ser o simples balbuceio infantil, ou, pior, o falso mistério da imbecilidade.

Se uma Poesia (que já não merece este nome sagrado) não tem poder de comunicação, como poderá considerá-la, sequer, a Crítica? E, o que é pior talvez, como terá ela verdadeiros leitores e contribuirá assim, pouco que seja, para o engrandecimento humano?



Não meditei sobre estes graves perigos de maior ou menor carência do poder de comunicação da Poesia de muitos dos Poetas contemporâneos, a pro-

pósito de nenhum Livro em particular. Fui a isto levado ao conhecer a reacção de um Espírito superior de Filósofo e Ensaista, que admiro e estimo, perante os Poemas, que depois verifiquei serem de autêntica Poesia, reunidos no volume de:

ANTÓNIO DE SOUSA — '*Livro de Bordo*' — Poemas — Editorial Inquérito, Limitada — Lisboa — 1950.

Não se trata da Obra de um Novo, ainda incerto das suas qualidades, mas de um Poeta feito, na plena posse do que é e do que vale, e, por isto e a sua idade, já no apogeu da sua capacidade criadora.

A reacção do Filósofo, meu amigo, de alto valor compreensivo e que deveria naturalmente ser um dos poucos leitores que importem a este ou a qualquer Poeta verdadeiro, foi, no entanto, a do absoluto desinteresse, por sentimento da incomunicabilidade total desta Poesia.

Ouvida esta opinião, dada sem qualquer intuito que não fosse o de uma observação geral sobre o comum rebaixamento da Poesia, disse ao meu amigo que eu tinha esse Livro para ler e criticar e o faria sem ser por ela impressionado e antes procurando sentir, mesmo com trabalho, a sua Poesia, se ela existisse e me fosse comunicável. Cumpri. E a verdade é que não me deu trabalho algum a compreender e sentir a Poesia verdadeira, sempre realizada, muitas vezes perfeitamente, desta Obra de extreme e quase exclusivo mas nunca incomunicável Lirismo.

Esta nota crítica talvez devesse, por isto, ser principalmente uma análise dos motivos porque se não deu esta comunicação de Poesia entre o Poeta António de Sousa e o Filósofo meu amigo.

Motivo, inicial e genérico, decerto foi o da *desconfiança* que as Obras dos Modernistas criaram, não no público, que tudo aceita, mas nos Superiores, tanto maior quanto mais conscientes e cultos eles são e mais desejam, muito justamente, da Poesia. E embora estes Poemas não sejam de um Modernista (muito longe disto, felizmente para ele, quanto a mim) alguns deles transigem com a sua falta de gosto, o seu amor do inexpresso e apenas sugerido, e alguns dos seus versos e composições podem ter aumentado essa prévia *desconfiança*.

Mas o principal motivo deve ter sido, já com justiça, o do pequeno poder de comunicação que há em todo o Lirismo extreme, quer dizer aquele que se não eleva à transmissão de uma verdade, sentida e vivida mas já transformada em mensagem, para todos válida, e se fica na directa expressão do que foi sentimento do Poeta, não mais intensa nem mais pessoal por isso.

Este Lirismo extreme, exclusivo e limitado, é, no entanto, um carácter comum de muitos Poetas contemporâneos e a alguns não impediu, apesar de tudo, a realização (talvez menor do que podia ser) nem destruiu o sempre exigível poder de comunicabilidade. O que naturalmente acontece é que, sem um atento e seguro esforço da Crítica, essa comunicação só se dará por semelhança de vida sentimental, ou simpatia, preparada por um prévio conhecimento pessoal.

E assim, paradoxalmente na aparência, é este Lirismo extreme, iniciado, em seu exclusivismo, na terceira fase do Romantismo, a Poesia que mais carece da colaboração da Crítica para ser compreendida e vivida por outros que não o seu criador.

Muita dessa Poesia (se ainda merece este nome), toda essa que reuno sob a designação genérica de Modernismo (porque as suas *escolas* e *bandeiras* são inúmeras) nem mesmo vale por outra coisa que não seja servir de pretexto às afirmações teóricas da Crítica. Estas podem ter interesse mas não passam, afinal, de exercícios inúteis da inteligência, porque as Obras que lhes dão pretexto não têm vida própria e não realizam coisa nenhuma.

Não é este o caso do Livro de Poemas de António de Sousa. Ele vale por si, realizou Poesia e tem interesse humano, quer na definição de um Ser desesperado, quer na definição, mais genérica, dos males de uma Época.

Se, na verdade, se não eleva à definição de qualquer mensagem (que fosse mesmo a do absoluto desespero não importaria); se a sua Poesia profunda não sobe por isso à altura que lhe era possível; é, no entanto, a ex-

pressão realizada e muitas vezes perfeita de uma Alma de Poeta e de um Homem, grande pela dôr vivida. Expressão inteiramente comunicável e que estou certo há de perdurar no que tem de melhor.

Talvez baste para tornar fácil essa comunicação (mas é-lhe indispensável) definir a posição deste Poeta no movimento verdadeiro da Poesia Portuguesa Contemporânea. Ele não é, de modo nenhum, um Modernista, desejoso de se manifestar originalmente e apenas atento à novidade e ao sensacional. Não o poderia ser (mesmo se o deseja) pela própria, vivida e dolorosa, profundidade, sempre mantida e sempre sincera, do seu drama íntimo. António de Sousa é um Neo-Romântico e, devo dizê-lo, um dos reais e melhores valores do Neo-Romantismo Português.

O seu primeiro Livro, «Cruzeiro de Opalas», que reli para melhor compreender o actual (e tenho pena de não ter podido fazer a leitura de todas as Obras que entre ambos se intercalam, para melhor definir uma evolução, assim apenas entrevista); o seu primeiro Livro mostra-nos, aliás, a muito natural origem deste Neo-Romantismo, no seu caso particular. Foi sob a influência, muito directa e profunda, mas não submissa e inferior, de António Nobre que se formou espiritualmente o Poeta António de Sousa.

A Obra da juventude genial de António Nobre, bem cedo frustrada pela morte, foi precisamente aquela Obra, profundamente humana, que, fechando a segunda fase do Romantismo Português, e em parte influenciando o nosso Terceiro Romantismo (o que deu plena realização a este grande Movimento Espiritual, de mais de um Século) veio, para quem dele, mais que nenhuma outra provocar o Neo-Romantismo, coincidente, na geração de 1920, a que pertence António de Sousa, com outro movimento (mais alto e profundo e mais novo) o do Humanismo.

Movimento humanamente válido e poéticamente grande (pelo menos quanto ao Lirismo) foi e está sendo este do Neo-Romantismo Português. Nele a Obra de António de Sousa (digo-o por conhecimento deste seu Livro e basta) é das mais características. É-o pela entrega ao mais directo e extreme Lirismo e por um constante espírito de amargo e doloroso desespero que, salvo raras excepções, e não absolutas nem contraditórias, o anima e lhe dá o mais alto significado.

Este Neo-Romantismo transcendeu e superou o Romantismo Decadente que entre nós teve as suas mais altas expressões (e também os seus maiores erros e desvios para um nefasto histrionismo) em alguns Poetas da geração de 1910, a qual também, por outro lado, e não com menos força, continuou a terceira fase do Romantismo, pleno e fecundo.

Superou-o, mas ainda por ele, em parte, se deixou contaminar. É o que também vejo neste Livro no que ele tem de menos próprio e de menos bom, certa reacção irónica e quase de humorismo, embora doloroso, que, sem gosto na subtileza (precisamente onde ele mais necessário é), aceita as expressões triviais. Chegam os seus Poemas, neste caso, a lembrar, por vezes, a Poesia de Mário de Sá-Carneiro (a verdadeira) e a forma conceituosa do Lirismo (o melhor) de Fernando Pessoa.

O que, no entanto, estes Poemas têm de mais próprio e de vivido é coisa mais profunda e muito pessoal. É a expressão directa de um desespero humano que na vida só encontra sentido, talvez, no que padece, ou nem mesmo esse encontra e apenas sofre, porque tem de ser.

Este desespero é maior e mais triste (mais infecundo também) do que esse outro que caracterizou o início do Segundo Romantismo e em todo ele se manifesta. Mas tem, sob este aspecto, de expressão da humana dôr, momentos de funda e trágica grandeza. É o que revelam os mais pessoais e os mais sentidos e perfeitos Poemas deste Livro.

Nem um renovado amor (cantado nos belos Poemas «Carta de Amor»; «Branca de Neve» e «Noivado») nem ele vence o doloroso e amargo sentido que em tudo põe, na mais absoluta negação de todo o heroísmo, ainda mesmo esse, porventura o mais necessário, o basililar e redentor, de sofrer. A negação da crença num Destino sobrenatural, e a falta de Fé, aparecem-nos mais trágicas porque ambas foram possuídas (e talvez ainda o sejam, aparentemente) e se perderam ou não bastam para dar um significado salvador às desgraças vividas.

Poesia de dor e desespero, perfeitamente expressa e profunda em Poemas, como, por exemplo, «Ano Novo»; «Penumbra»; «Loa»; «S. O. S.»; «Regata»; «Historieta» e «Cinza». É o que, mais belo pela recordada lembrança do único paraíso, perdido e padecido em saudade, também vibra no Poema «Elegia», que muito naturalmente vem ligar o desespero de hoje ao melhor e mais pessoal Poema do seu primeiro Livro, a «Oração» com que ele fecha.

Deste desespero poderá o Poeta extrair uma verdade redentora, ainda que seja a de um regresso?

Talvez não. Mas pouco importa. Realizando-o em Poesia, a si próprio se redime e o pode sofrer. E essa mensagem de redenção na Poesia podemos nós extraí-la do seu Livro. Essa e a do valor humano do próprio desespero, mesmo ao aniquilar-nos, o que não chegou a definir em mensagem própria o Poeta mas exprime e nos comunica o seu extreme Lirismo.

Outra é a mensagem, de um Poeta que suponho mais novo, talvez da geração de 1930 (a julgar pela data da publicação da sua primeira Obra), e não apenas compreensível mas definida no livro de:

JOÃO DE BRITO CÂMARA — 'Ilha' — Poemas — Coimbra — 1950.

Grande e não menos humana pela sua afirmação da coragem de viver e o heroísmo de lutar, ela não é, infelizmente, na maioria dos Poemas, de pura e profunda Poesia. Deixou-a o Poeta contaminar por outros elementos, meramente racionais, de convicções políticas (ao modo, menos alto, do Segundo Romantismo) cujo sentido, aliás impreciso, nem pretendo sequer discutir e que só refiro por terem diminuído, em muito, a sua realização.

Porque me parece terem sido esses intuitos políticos (e, ao que percebo, contrários mesmo à Poesia e à Cultura) o que determinou a insuficiência da realização, por não determinada por um verdadeiro movimento poético. Como explicar, de outro modo, que todos os Poemas perfeitos, dentre os quais três de verdadeira beleza («Ruína», «Cantiga» e «Parenti Mortuae») sejam precisamente aqueles em que não há intenção política ou social?

Em todos os outros se revelam graves defeitos de ritmo e até de métrica (certa a medição silábica apenas em teoria, e sem obediência ao ouvido musical) e com rimas forçadas (principalmente nos Sonetos, muito imperfeitos) e fáceis imagens que lembram outros Poetas, e entre eles Junqueiro e, paradoxalmente, Afonso Lopes Vieira.

Mas o verdadeiro Poeta revela-se em quase todos eles por um ou outro verso ou estrofe e o pensamento mais profundo que contraria o seu aparente Socialismo. Se os seus *sonhos* nascem desse pensamento profundo (que um qualquer Socialismo nem sequer consentiria e o Democratismo desconhece ou despreza) de justiça, de humanização do Mundo, de elevação moral e material da vida de todos os homens, pode ter a certeza que nenhum Aristocrata verdadeiro (mais contrário, por isso, que ninguém à vileza da Plutocracia) temerá que eles *minem toda a cidade*.

O que devemos, não temer, mas combater, são as já conhecidas e nefastas experiências das sublevações dos bárbaros do interior que destroem a Cidade, sem melhorar em nada a condição dos pobres e infelizes.

Um Poeta capaz de afirmar, com perfeita beleza, a sua Fé no Homem, deve, por isso mesmo e ainda mais do que outros sem Fé e sem Heroísmo, aprofundar e lealmente meditar as eternas verdades políticas e as condições necessárias à Civilização.

Não é culpa minha, mas do Autor, este desvio para um campo diverso da Poesia. E tanto que sei reconhecer nele um autêntico valor e louvar aqueles Poemas em que se realizou o seu pensamento verdadeiro e profundo e mesmo alto de Poeta. Todos esses e em especial os que já citei. Um deles, pelo menos, «Cantiga», é digno de figurar numa Antologia verdadeira da Poesia Portuguesa Contemporânea.

O mais alto motivo de Poesia não a redime, se ela não tem origem num verdadeiro talento de Poeta. A Poesia não acontece, realiza-se na mais íntima união com o poder criador. Os temas elevam ou rebaixam quem os adopta

porque a sua maior nobreza requiere mais poder poético. E se ele existe, com os temas e os motivos altos de Poesia se elevará. Se ele não existe, ou é apenas veledade ou fraco poder, essa mesma altura, por comparação do que seria necessário, mais diminuirá quem ousou tratá-los sem poder para tanto. É o que lamento ver-me obrigado a escrever após a leitura do livro de:

SANTOS CRAVINA — '*A Virgem de Fátima*' — Poema Comemorativo do Ano Santo — Lisboa — 1950.

Creio sincera a Fé do Autor. Mas a sinceridade não basta. É indispensável, mas não basta. A Fé sincera, creio eu, do Autor, não corresponde a qualquer espécie de pensamento poético nem mesmo a um sentimento profundo e pessoal de religiosa comção. O Livro não é um Poema mas uma série, sem nenhuma sequência, de invocações da Virgem de Fátima, feitas sem Poesia nem sentido religioso. Entre as invocações há esta:

«*Futurista das futuristas,
Divinal das divinais,
Modernista das modernistas...*»

Vejo-me obrigado a citar, para que se não suponha que há qualquer má vontade minha nas críticas, sem louvor, que tenho feito às Obras de Santos Cravina.

Muito pelo contrário. É-me simpática a sua persistência. Sempre tenho esperado que, reconhecendo, com realismo, os limites da sua capacidade poética, se dê à criação de versos espontâneos e simples que estariam de acordo com a sua facilidade e têm cabimento na vida literária de qualquer Época ou País.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

'ANTERO DE QUENTAL E A MULHER' — Ensaio de Rui Galvão de Carvalho — Ed. da Revista '*Ocidente*' — Neste «Breve ensaio de interpretação psicológico-literário», como lhe chamou em subtítulo, Rui Galvão de Carvalho estuda as reacções do grande Poeta perante o amor, apontando a influência negativa que exerceram a sua timidez e o seu narcisismo. Notáveis, tanto pela penetração como pela originalidade, as observações e conceitos do autor apoiam-se extensamente numa análise rigorosa da obra de Antero e revelam a par de conhecimentos muito vastos as mais valiosas faculdades críticas. Sem exagero pode afirmar-se que só depois de lido este ensaio se está em condições de interpretar alguns aspectos decisivos da personalidade de Antero.

A curiosa e erudita obra '*Os Sermões de Gil Vicente e a Arte de pregar*', que o ilustre catedrático de Coimbra, Prof. Dr. Joaquim de Carvalho publicou em suplemento à revista '*Ocidente*' apareceu agora nas livrarias em separata de excelente aspecto gráfico como são sempre as que completam a obra de difusão cultural daquela revista. O trabalho do sábio professor, que tem a elevação e profundidade que caracterizam todos os seus estudos, é completado por um apêndice sobre «As fontes do auto da Mofina Mendes», que, breve como é, constitui precioso subsídio para o estudo da obra vicentina.

MYRON MALKIEL-JIRMOUNSKY, cujos notáveis trabalhos sobre História de Arte, em especial sobre os primitivos portugueses, o impuseram há muito à admiração dos meios intelectuais do nosso País, publicou em suplemento da revista '*Ocidente*' uma obra que intitulou '*Preconceitos da Época*'. O seu trabalho veio agora a público em separata. É uma série de ensaios, intimamente relacionados entre si por uma grande unidade de critérios e a que é de justiça atribuir carácter excepcional, tanto pela originalidade das ideias como pela Cultura e experiência em que estas se fundamentam.

(Do '*Diário de Notícias*')



NOTAS E COMENTÁRIOS

★ CRÓNICA — Outono. Entrou a nova estação com Sol vivificante e noites frescas cheias dum luar de maravilha. Os lavradores não andam satisfeitos, porque desejavam chuva, mas quem está nos últimos dias de férias rejubila com as radiosas alvoradas de tons suavíssimos e absorve a plenos pulmões as últimas porções de ar puro, fortemente oxigenado, rescendendo a aromas silvestres e gorjeios inocentes de pássaros. Leves nuvens de algodão esgarçado juntam-se às tardinhas no horizonte para darem esperança daquelas ansiadas gotas de água que inchem o bago e permitam a vindima ou dêem frescura a terra para as próximas sementeiras, mas o vento já começou a soprar e a lua cheia faz as delícias dos sonhadores e o desespero dos aldeãos. Canta-se nas esfolhadas, às vezes com vontade de chorar, e espera-se ainda pela volta do tempo. Outubro não pode falhar. Há-de trazer o necessário às vinhas e aumentar as colheitas. Os descrentes ou os apressados colhem as uvas meio verdes e de qualquer forma. Os outros esperam sempre, no velho hábito de *esperar*, e ora acertam, ora se enganam. Já caem as folhas, os dias são menores, a cidade está próxima, com seu barulho estonteante, as telefonias da cave e da varina defronte a vociferarem dia e noite os nojos do fado e a sopeira do 3.º andar a sacudir os tapetes sobre nossas cabeças! Outubro. Volta o bulício da cidade, a barafunda, a luta áspera pela vida. Durante meses e meses não se verá o nascer do Sol, os luars de prata sobre os campos intermináveis e os montes longínquos. E depois... novo inverno a vergar-nos a energia, a clamar certezas doutros cabelos brancos, de um ano a menos no activo da existência. Fatal e caprichosa conta-corrente: alegrias da natureza, esplendores do tempo como prefácio das horas negras das grandes noites. E sempre o conceito admirável do Poeta: *Cuidado, Prazer, cautela, canta e ri mais devagar, não vá a Dor acordar*. — Sim, ela acorda e grita e quase nos asfixia, porque não sabemos cantar e rir mais devagar...

★ POLÍCIA RURAL — A magnífica sedução da vida do campo é frequentemente ensombrada pelos incidentes que uma lamentável falta de educação cívica ainda sugere a bastantes pessoas os maiores atrevimentos contra a propriedade alheia: furto de uvas e de

toda a espécie de frutas; cortes de árvores e de lenha; visitas às capoeiras e às hortas fora das vistas dos donos, etc., etc. Os abusos cometem-se, em regra, impunemente e assim prosseguirão enquanto se não criar uma profícua Polícia rural, que vele pela propriedade alheia e saiba punir os depredadores. Nessa altura, poderão também dar-se ordens terminantes para que se evitem, com o máximo rigor, as queimadas nos baldios e matas públicas, visto esses actos de requintada selvageria aniquilarem sempre múltiplas espécies de grande valor e óptimo futuro.

★ GRAÇAS DUM EDITOR... JAPONÊS — Encontramos na excelente '*Revista do Globo*', de Porto Alegre, a seguinte nota: «O Escritor inglês Basil Blakwell conta que um editor japonês lhe devolveu um manuscrito seu com as seguintes palavras: «Lemos o seu trabalho com indescritível prazer. Sobre a sagrada memória dos nossos antepassados, juramos não ter tido nunca ocasião de ler uma obra-prima tão admirável. Se a imprimíssemos, Sua Majestade o Imperador nos imporia considerá-la como nosso modelo, não permitindo publicar nenhum livro inferior. Dado que por este motivo ficaríamos excluídos do mercado editorial pelo menos por 10.000 anos, somos obrigados a devolver o seu divino manuscrito e depô-lo a seus pés tremendo ao pensar no juízo que fará o Mundo de nós, no futuro, por esta acção criminosa». — Comparem-se estas subtilíssimas razões com a boçalidade dalguns editores nossos, que nem sabem ler o que editam.

★ CONTRA O LIVRO — A conspiração é universal. Queixam-se os Editores de todo o Mundo e os Autores são os principais culpados. E são, porque, seduzidos pelos maiores proventos, eles próprios cavam sua sepultura de Escritores colaborando nas mistificações do Cinema e da Rádio, onde tudo é meramente espectacular e de atractivo efémero. Como, porém, cortar o círculo vicioso? Só com a forte união de Escritores e Editores, que bem pudessem impor aos magnatas do Cinema e da Rádio um *modus vivendi* que condicionasse sua mútua colaboração a uma constante e eficiente propaganda do livro.

★ A PRAGA DANINHA — O Suplemento de Domingo de '*A Província de Angola*' inseriu num de seus últimos números: «O sr. Álvaro Pinto, director da excelente revista de cultura portuguesa «Ocidente», publicou há pouco no «Diário de Notícias», do Rio de Janeiro, um violento artigo contra a praga daninha do Fado. O escritor e jornalista de há muito se tem mostrado, naquela revista, adversário intransigente da «onda fadista» que, paga a peso de oiro, invade o nosso país. Damos-lhe inteira razão. O que é de mais, é erro. Por isso a seguir reproduzimos do referido artigo estas passagens: «Está a tomar novos alentos essa praga daninha, que alguns cognominaram inconscientemente de canção nacional e outros apelidam justiceiramente de venenoso tortulho das alfurjas. E, o que é pior, já transpõe as fronteiras e encontra empresários que dêem por ele verbas fabulosas, muito mais altas do que as concedidas a um virtuoso do piano ou do violino. Conforme está mais ou menos provado, a nauseabunda canção de vencidos

veio do Brasil e substituiu nos bordéis o lundum, passando depois para as estúrdias de bolieiros e fidalgos brigões. Alastrou como todas as pestes, serviu de arma política e lisonjeou as multidões. Anda, agora, triunfante no cinema e na rádio, para vergonha da Cultura e da Civilização. Há anos ergueu-se contra ela forte campanha e o veneno recolheu-se às baiucas. Recentemente, recrudescu e voltou a arreganhar os dentes, aqui e em viagens para o Brasil. Por cá, vai iniciar-se nova resistência e mais intenso ataque saneador. No Brasil, devia ser inteiramente proibida a sua entrada, pois, além do seu carácter dissolvente, o fado pode transformar-se em agente de discórdia entre Portugueses e Brasileiros.»


★ PEQUENAS ECONOMIAS — A fim de satisfazermos grata incumbência de um jornal brasileiro, tivemos de estudar o movimento bancário português nos últimos 30 anos e verificámos, através dos números e da evolução das verbas, como os factores Ordem e Confiança são essenciais para todo e qualquer progresso. O dinheiro depositado no Estrangeiro regressou ao País, os descontos desceram de 10 para 4 % ao ano, os depósitos aumentaram consideravelmente, apesar de vencerem juros insignificantes ou mesmo de nada receberem e, no entanto, as organizações bancárias multiplicaram seus lucros e, por conseguinte, suas reservas. Mas, não é em rápida nota que se poderia fazer o resumo capaz de tal fenómeno. O que pretendemos agora frizar é o acréscimo sucessivo das pequenas economias recolhidas à Caixa Geral dos Depósitos. O total, que era em 1920 de 104.016 contos, passou em 1934 para 1.514.581 contos; em 1940 para 2.041.845 contos; em 1943 para 3.897.566 contos; em 1946 para 5.315.099 contos e em 1948 para 5.545.490 contos. — O nível de vida subiu e o sentido da poupança vai criando boas vontades, raízes fortes e saldos crescentes na modesta caderneta do depósito. A esse movimento correspondem enormes lucros para a Caixa, permitindo-lhe, por sua vez, aumentar os empréstimos, animar obras de fomento e transigir o mais possível com transacções fora do regime em que nossos avós viveram e enriqueceram. É tudo isto quase sem propaganda da Caixa, que arrecadaria mais alguns milhares de contos de depósitos se apresentasse aos particulares, em sugestivos impressos, a conveniência de recolherem nos cofres dela todas as economias guardadas em gavetas sujeitas a vários riscos.

★ NOTA DO FIM — Lemos num jornal lisboeta que certa cantadeira de fados ia brevemente à Alemanha representar Portugal numa qualquer festarola. Representar Portugal? Será isto possível? Não é, evidentemente. E porque não é, cremos que devia ser chamado aos tribunais por crime de lesa-Pátria o reclamista que manda tais notícias para as gazetas.

ÁLVARO PINTO

No 'Diário de Notícias', do Rio de Janeiro, o matutino carioca de maior circulação, iniciou uma secção «Movimento literário» o Escritor Raul Lima, que muito deseja receber livros portugueses.





Nobilis

Utilizando a melhor lã; ensaiando um tinto tenaz e inalterável; dando ao fio a torção precisa, rigorosamente calculada; empregando debuxos inéditos e urdiduras modernas; operando tecelagem cuidada e sem presses; terminando, em fim, por um "acabamento" esmerado — e conservar, na fazenda, o aveludado e maciezo naturais daquela lã — os técnicos da NOBILIS superaram o existente.

O nome veio depois. Primeiro fizeram-se as provas práticas do tecido; organizou-se a empresa; assegurou-se a parte artística dentro do moderno e do bom tom.

O achado feliz de marca deu remate excelente ao escrupulo e à tenacidade: Havia deliciosa harmonia entre o nome NOBILIS e a qualidade do tecido: NOBILIS traduz elevação, nobilidade e valor, e por do majestoso, bizarro e sublime, segundo reza a origem latina da palavra.

